



GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação
das Indústrias do Estado de Goiás

Ano 59
247
Agosto 2012



MUITO ALÉM DA MÉDIA

Crescimento da economia goiana em
2012 contraria a tendência em vigor para
o restante do País e leva a Fieg a reforçar
seus investimentos no Sistema Indústria



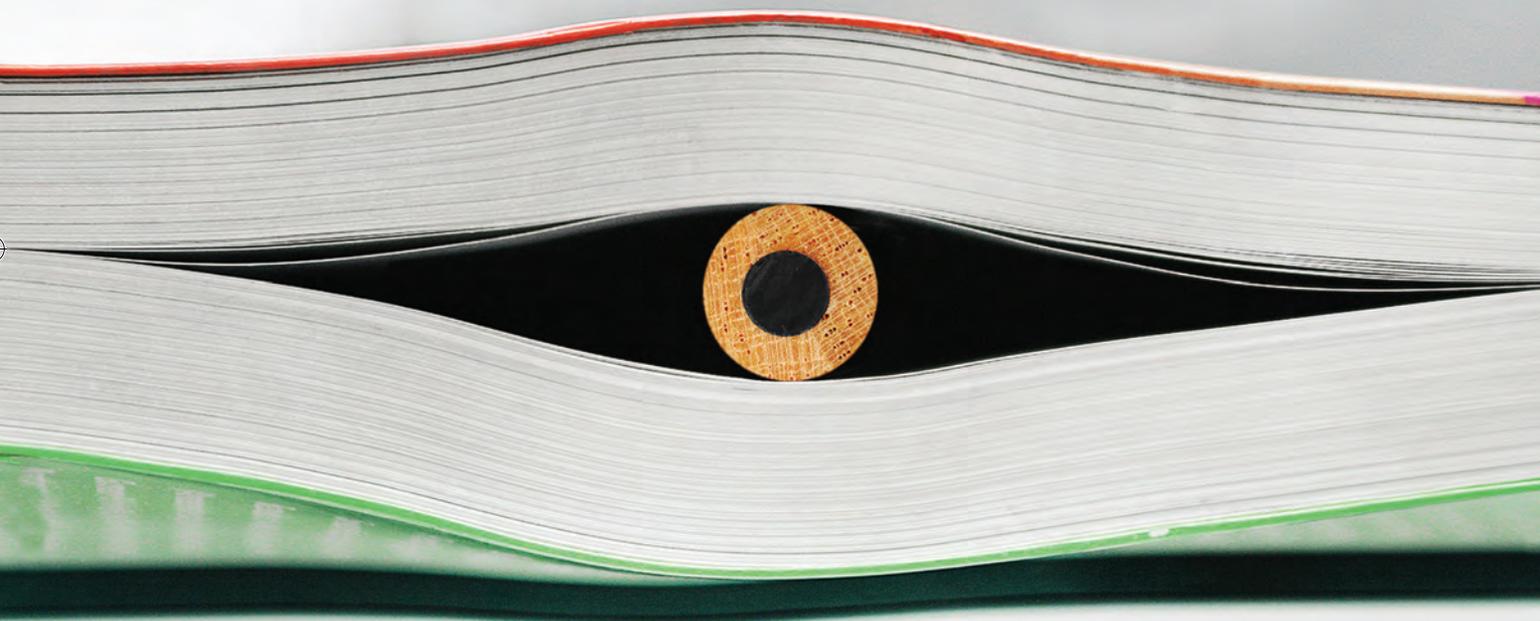
ENTREVISTA

Diretor da Fiesp, José Ricardo Roriz Coelho defende a elaboração de agenda de longo prazo, que promova a ligação entre inovação e desenvolvimento econômico

Senai Goiás
**NÚMERO DE MATRÍCULAS
DEVE QUASE DOBRAR**

Sesi Goiás
**CLUBE RECEBE MAIS DE
R\$ 12 MILHOES EM INVESTIMENTOS**

É ASSIM QUE O SESI ENXERGA O FUTURO
DA INDÚSTRIA: **POR MEIO DA EDUCAÇÃO.**



O SESI acredita na educação como agente de transformação social, qualidade de vida e desenvolvimento social. O crescimento das pessoas fortalece a indústria e por essa razão o SESI investe, cada vez mais, na educação para a vida.

SESI. INDÚSTRIA E EDUCAÇÃO SEMPRE JUNTAS. | 4002-6213 - 0800-6421313 | WWW.SESIGO.ORG.BR



FIEG SESI

“Ao Senai, o maior dos desafios na atualidade: ele vai praticamente dobrar, em dois anos, o número de suas matrículas, chegando próximo a 200 mil anuais, num investimento de R\$ 85 milhões.”

Pedro Alves de Oliveira

Presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás



ANTECIPAR PARA PREVENIR

O crescimento da economia estadual nos últimos anos, sempre acima da média do País, está escrito no aumento de nossa participação no PIB do Brasil, e da indústria no PIB de Goiás. Segundo estimativa divulgada em junho pela Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado (Segplan), nosso Produto Interno Bruto aumentou 6,6% no primeiro trimestre de 2012, oito vezes mais do que a expansão brasileira, que não passou de tímido 0,8%, e que está marcando passo desde o segundo semestre de 2011. Este ano, os números do IBGE mostram crescimento acumulado de 12,4% para a produção da indústria goiana, frente à perda de 3,4% para a indústria brasileira.

O sucesso da indústria goiana, mesmo no quadro atual de tendência nacional à estagnação e ao baixo crescimento, precisa ser mantido e preocupa o Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás, que se antecipa em medidas de apoio e incentivo ao atendimento de suas necessidades.

Politicamente, a Fieg trabalha junto aos poderes públicos na busca, se não da eliminação, pelo menos de redução expressiva de gargalos que entravam nossa evolução, como a complexidade e o tamanho da estrutura tributária, agravada pela burocracia. A legislação ambiental defasada, que emperra a liberação de licenças. A baixa qualidade da educação, impedindo a formação de trabalhadores de melhor nível. O leque de prejuízos pela demora na solução do problema da Celg. A novela interminável da construção de um aeroporto de verdade em Goiânia. As obras

da Ferrovia Norte-Sul, oito vezes adiadas. A carência de saneamento básico, capaz de universalizar o abastecimento de água e tratamento de esgotos essenciais à saúde pública e à atividade industrial. A malha viária precária começa a ter alguma melhora, com os recentes investimentos do governo estadual. Temos muito a avançar, pois não adianta produzir sem meios de escoar. O Sesi proporciona ao trabalhador na indústria e seus dependentes, desde junho, um novo Clube Sesi Antônio Ferreira Pacheco, pela primeira vez totalmente revitalizado em seus 44 anos de existência, tendo, inclusive, servido de sede à fase nacional dos Jogos do Sesi 2012. Amplia o combate ao analfabetismo com a EJA e intensifica suas ações de saúde, lazer, esporte e responsabilidade social empresarial.

Ao Senai, o maior dos desafios na atualidade: ele vai praticamente dobrar, em dois anos, o número de suas matrículas, chegando próximo a 200 mil anuais, num investimento de R\$ 85 milhões, ao aderir ao Programa Senai de Apoio à Competitividade da Indústria Brasileira. Com isso, as indústrias goianas ganharão três Institutos Senai de Tecnologia e um Instituto Senai de Inovação.

O IEL Goiás atende cada vez mais com seus programas de estágio, banco de emprego para empresas e trabalhadores, gestão empresarial, qualificação de fornecedores e outros serviços de modernização organizacional das empresas. O ICQ Brasil, único do gênero no Sistema CNI, certifica qualidade de gestão e produtos, cobrindo o País inteiro.

»» CAPA



24 Sob liderança do setor industrial, a economia goiana confirma taxas de crescimento bem acima da média nacional também ao longo de 2012. Para acompanhar esse processo e adequar sua estrutura à demanda esperada, o Sistema Fieg acelera investimentos em capacitação e qualificação profissional e na qualidade de vida dos empregados da indústria

»» ENTREVISTA

8 Cada ponto porcentual agregado à produção industrial provoca, num efeito em cadeia, crescimento de 2,2 pontos na economia em geral. Mesmo assim, a indústria enfrenta processo de encolhimento relativo. Para reverter essa tendência, afirma o diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Decomtec/Fiesp), José Ricardo Roriz Coelho, o País precisa de uma agenda de longo prazo com foco em inovação e competitividade

»» IEL GOIÁS

14 Criado em 1999 pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás), o Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF) já cobre 12 municípios, atendendo a mais de 500 empresas, com resultados positivos. Pesquisa realizada entre 70 empresas que participam do programa mostra que 53% dos entrevistados aumentaram o faturamento e 87% conseguiram gerar novas oportunidades de negócios e elevar a produção, entre outras vantagens

»» CARGILL



17 Depois de assumir o negócio de atomatados da Unilever, a também norte-americana Cargill investe R\$ 4,5 milhões para modernizar seu sistema de tratamento de efluentes

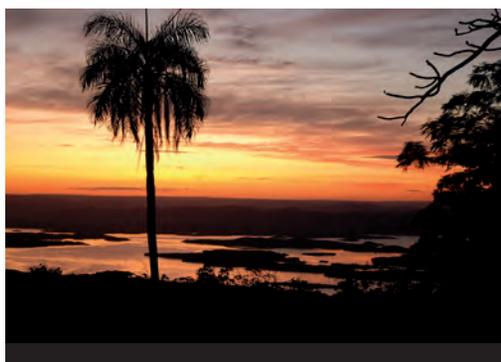
»» APL

16 Numa resposta ao boom experimentado pelo setor da construção em Rubiataba, a Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, de Anápolis, em parceria com a Secretaria Estadual de Cidadania e Trabalho, prefeitura e Caixa Econômica Federal, desenvolve mutirão para qualificar 150 moradores da região

» POLO MOVELEIRO

20 Desenhado há três anos, o polo da indústria de móveis em Senador Canedo ganha contornos mais concretos com a instalação das primeiras indústrias e com a inauguração de um centro de convivência e capacitação. No total, o polo deverá abrigar 11 indústrias do setor, criando 800 empregos diretos e gerando faturamento anual de R\$ 360 milhões

» RIO + 20



36 O balanço final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio + 20) aponta decepções e esperanças, ao adiar a adoção de metas concretas e a definição de fontes de recursos para financiar a transformação do mundo na direção de uma economia mais limpa

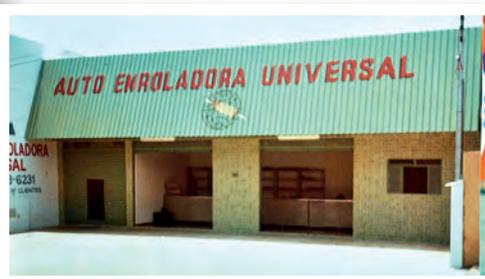
» INCLUSÃO SOCIAL

39 Instalado oficialmente no dia 25 de junho, o Fórum Goiano de Inclusão no Mercado de Trabalho das Pessoas com Deficiência e dos Reabilitados pelo INSS (Fimtpoder) já se lançou ao desafio para tentar reduzir o desemprego entre esse público e combater a discriminação

» MADE IN GOIÁS

42 Após meses de pesquisas, a Super Bolla, patrocinadora oficial do Atlético Goianense, prepara-se para apresentar ao mercado sua nova linha de bolas, com tecnologia importada

» MEMÓRIA



43 A Induzidos Universal, indústria de autopeças com fábrica em Abadia de Goiás e escritório em Goiânia, completou 35 anos e tem planos para ampliação, podendo até dobrar sua capacidade atual, abrir sete novas franquias e fazer sua estreia no mercado internacional

GOIÁSINDUSTRIAL



Direção

José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo

Geraldo Neto

Edição

Lauro Veiga Filho

Subeditor

Dehovan Lima

Reportagem

Andelaide Pereira, Célia Oliveira, Daniela Ribeiro, Edilaine Pazini, Jâvier Godinho, Nathalya Toaliri e Janaina Staciari e Corrêa

Colaboração

Wellington da Silva Vieira

Fotografia:

Sívio Simões, Alex Malheiros e Sérgio Araújo

Capa e ilustrações

Gabriel Martins e Chico Santos

Projeto gráfico

Wesley Cesar

Diagramação e produção

Clarim Comunicação e Marketing

Rua S-6 nº 129, Sala 01, Setor Bela Vista (62) 3242-9095

www.clarimcomunica.com.br
contato@clarimcomunica.com.br

Publicidade

Valéria Aquino

(62) 9242-1377 e 8113-3148
valeriaraquino@gmail.com

Fotolito e impressão

Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente:

Pedro Alves de Oliveira

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO Fone (62) 3219-1300 Fax (62) 3229-2975

Home page:

www.sistemafieg.org.br

E-mail

fieg@sistemafieg.org.br

NÚCLEO REGIONAL DA FIEG EM ANÁPOLIS

Presidente:

Ubiratan da Silva Lopes

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565

E-mail:

nureaps@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional:

Pedro Alves de Oliveira

Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Nunes

Superintendente: Humberto

Oliveira

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação

Qualidade Brasil

Diretor: Justo O. D'Abreu Cordeiro

Superintendente: Tatiana Jucá

Diretoria da FIEG

Presidente

Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-Presidente

Wilson de Oliveira

2º Vice-Presidente

Eduardo Cunha Zuppani

3º Vice-Presidente

Antônio de Sousa Almeida

1º Secretário

Marley Antônio da Rocha

2º Secretário

Ivan da Glória Teixeira

1º Tesoureiro

André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Tesoureiro

Hélio Nunes

Diretores

Segundo Braoios Martinez

Sandro Marques Scodro

Orizomar Araújo Siqueira

Ubiratan da Silva Lopes

Manoel Paulino Barbosa

Robson Peixoto Braga

Roberto Elias de L. Fernandes

José Luis Martin Abuli

Álvaro Otávio Dantas Maia

Eurípedes Felizardo Nunes

Jair Rizzi

Henrique W. Morg de Andrade

Eduardo Gonçalves

Leopoldo Moreira Neto

Flávio Paiva Ferrari

Luiz Gonzaga de Almeida

Luiz Ledra

Daniel Viana

Oswaldo Ribeiro de Abreu

Elvis Roberson Pinto

Eduardo José de Farias

Valdenício Rodrigues de Andrade

Ailton Aires de Mesquita

Hermínio Ometto Neto

Carlos Alberto Vieira Soares

Jerry Alexandre de Oliveira Paula

Josélio Vitor da Paixão

Jaime Canedo

Conselho Fiscal

Justo O. D'Abreu Cordeiro

Laerte Simão

Mário Drummond Diniz

Conselho de Representantes junto à CNI

Paulo Afonso Ferreira

Sandro Antônio Scodro

Conselho de

Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior

Ailton Aires Mesquita

Alyson José Nogueira

Álvaro Otávio Dantas Maia

Annianias Justino Jaime

Antônio Alves de Deus

Carlos Alberto Vieira Soares

Carlos Roberto Viana

Célio Eustáquio de Moura

Cyro Miranda Gifford Júnior

Daniel Viana

Domingos Sávio G. de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

Eduardo Cunha Zuppani

Eliton Rodrigues Fernandes

Elvis Roberson Pinto

Eurípedes Felizardo Nunes

Fábio Rassi

Flávio Paiva Ferrari

Flávio Santana Rassi

Francisco Gonzaga Pontes

Gilberto Martins da Costa

Henrique Wilhelm Morg de Andrade

Hermínio Ometto Neto

Hélio Nunes

Heribaldo Egídio

Ivan da Glória

Jaime Canedo

Jair Rizzi

João Essado

Joaquim Cordeiro de Lima

José Alves Pereira

José Antônio Vitti

José Batista Júnior

José Divino Arruda

José Luiz Martin Abuli

José Romualdo Maranhão

José Vieira Gomide Júnior

Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro

Laerte Simão

Leopoldo Moreira Neto

Luiz Gonzaga de Almeida

Luiz Ledra

Luiz Rézio

Manoel Silvestre Álvares da Silva

Marley Antônio Rocha

Nilton Pinheiro de Melo

Olimpio José Brandão

Orizomar Araújo de Siqueira

Paulo Sérgio de Carvalho Castro

Pedro Alves de Oliveira

Pedro Daniel Bittar

Pedro de Souza Cunha Júnior

Pedro Paulo Tavares Costa

Pedro Silvério Pereira

Plínio Boechat Lopes

Ricardo Araújo Moura

Roberto Elias de Lima Fernandes

Robson Peixoto Braga

Rodolfo Luis Xavier Vergílio

Sandro Antônio Scodro Mabel

Sávio Cruvinel Câmara

Segundo Braoios Martinez

Ubiratan da Silva Lopes

Valdenício Rodrigues de Andrade

Wellington Soares Carrijo

Wilson de Oliveira

Conselhos Temáticos

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente

Melchiades da Cunha Neto

Vice-Presidente

Ivan da Glória Teixeira

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente

Henrique W. Morg de Andrade

Vice-Presidente

Aurelino Antônio dos Santos

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente

Célio de Oliveira

Vice-Presidente

Álvaro Otávio Dantas Maia

Conselho Temático de Política Fiscal e Tributária

Presidente

Eduardo Zuppani

Vice-Presidente

José Nivaldo de Oliveira

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente

Orizomar Araújo de Siqueira

Vice-Presidente

Ricardo Roriz

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente

Leopoldo Moreira Neto

Vice-Presidente

Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente

Antônio de Sousa Almeida

Vice-Presidente

Rosana Gedda Carneiro

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente

Igor Montenegro

Vice-Presidente

Ananias Justino Jaime

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente

Emílio Bittar

Vice-Presidente

José Carlos de Souza

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente

André Lavor Pagels Barbosa

Vice-Presidente

Leandro Almeida

Rede Metrológica Goiás

Presidente

Marçal Henrique Soares

Câmara Setorial de Mineração

Presidente

José Antônio Vitti

Vice-Presidente

Luiz Antônio Vessani

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SIEEG

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Orlando Alves Carneiro Júnior
Fone (62) 3212-6092
Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515
Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
Telefone: (62) 3225-9889

SINCAFÉ

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Roberto Viana
Fone (62) 3212-7473
Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: José Nivaldo de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691 - siago@cultura.com.br

SIFAÇUCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SINDAGO

Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Gilberto Martins da Costa
Fone/Fax (62) 3224-8688
sindago@sistemafieg.org.br

SINDCEL-GO

Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás
Presidente: Célio Eustáquio de Moura
Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
Sindcel.go@gmail.com

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confeção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Flávio Santana Rassi
Fone/Fax (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Wellington Soares Carrizo
Rua Costa Gomes, nº 143
Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carne e Derivados no Estado de Goiás e Tocantins
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindcarn@terra.com.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462 contato@simeigo.org.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Olímpio José Brandão
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone/Fax: (62) 3212-3970
sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa
Fone (62) 3212-1135
Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 8422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios no Estado de Goiás
Presidente: Ailton Aires Mesquita
Telefone (62) 3224-0121 / 3224-0012
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Pedro Silvério Pereira
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa
Fone (62) 3223-9703
sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG

Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/
Fax 3224-0338
siac@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás
Presidente: Jaime Canedo
Fone (62) 3212-3794/
Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Anápolis

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis/GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3311-5565
fieg.regionalanapolis@sistemafieg.org.br

SIAA

Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis
Presidente: Valdenício Rodrigues de Andrade

SICMA

Sindicato das Indústrias de Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Marçal Henrique Soares

SIMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga

SINDICER

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

O DESAFIO DA COMPETITIVIDADE

Lauro Veiga Filho

Principal vetor de progresso técnico para toda a economia, a indústria brasileira de transformação vem encolhendo de tamanho e relevância nas últimas décadas, embora cada acréscimo de um ponto em sua produção gere, como impacto, crescimento mais do que duas vezes maior no restante da economia. O peso dos impostos, os custos da logística e a alta carga dos juros chegam a representar quase metade dos preços industriais, corroendo a competitividade do setor, alerta o diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Decomtec/Fiesp), José Ricardo Roriz Coelho. As crises, como a atual, vêm e vão, mas o País precisa criar uma agenda de prazo mais longo para enfrentar esses e outros gargalos, construindo o elo entre inovação e desenvolvimento econômico, com “forte presença do Estado para garantir o devido incentivo às iniciativas inovadoras”, defende Roriz Coelho nesta entrevista à **Goiás Industrial**.

“Nossa desindustrialização é prematura e nociva ao desenvolvimento socioeconômico, pois a diminuição relativa da indústria no PIB reduz o potencial de crescimento econômico do País”

Goiás Industrial – A indústria de transformação enfrenta, nos últimos anos, processo de encolhimento relativo no País. Quais as consequências desse processo sobre o parque industrial brasileiro?

José Ricardo Roriz Coelho – A manufatura apresenta alto potencial de puxar o crescimento de vários setores ao demandar bens e serviços produzidos por eles. Nesse particular, o multiplicador da indústria de transformação é de 2,22 – isto é, um aumento na produção industrial de R\$ 1,00 gera aumento na produção da economia total do País de R\$ 2,22. A experiência internacional mostra que a indústria apresenta elevada taxa de crescimento da produtividade em comparação com a economia total, pois a penetração da mecanização é relativamente maior na indústria. Além disso, manufatura é a origem das atividades de invenção, inovação e difusão tecnológica, ou seja, ela é o principal vetor do progresso técnico para toda a economia. Devido a essas características, a indústria de transfor-



mação possui elevado potencial para alavancar o desenvolvimento socioeconômico de uma nação, especialmente, de países em estágios intermediários de desenvolvimento, como o Brasil.

Goiás Industrial – E o que vem acontecendo no País?

Roriz Coelho – Entre 1985 e 2011, a indústria de transformação brasileira perdeu 12,6 pontos percentuais de participação no PIB, pois reduziu sua participação relativa a partir de 27,2% para 14,6% no mesmo período. Em 2011, a indústria de transformação brasileira ficou estagnada ao crescer apenas 0,13% em relação a 2010, o que contribuiu para a participação da indústria no PIB retornar ao percentual que tinha na década de 1950 (período JK), quando o Brasil era um país pouco industrial e com forte traço agrário. Uma característica negativa da nossa desindustrialização, em comparação com os países desenvolvidos (por exemplo, Inglaterra, EUA e França) que se desindustrializaram, é que a indústria brasileira começou a perder participação no PIB num nível de renda per capita muito baixo – entre US\$ 5 mil e US\$ 10 mil em paridade poder de compra (PPP) a preços constantes de 2005 – enquanto que nos países desenvolvidos, a renda per capita era três vezes superior quando a desindustrialização começou. Portanto, nossa desindustrialização é prematura e nociva ao desenvolvimento socioeconômico, pois a diminuição relativa da indústria no PIB reduz o potencial de crescimento econômico do País ao longo dos anos e prejudica o Brasil na geração de divisas externas (exportações) necessárias para pagar as importações, ou seja, a desindustrialização reduz os aspectos especiais ligados à manufatura.

Goiás Industrial – Cresceu a dependência externa, igualmente.

Roriz Coelho – Nos últimos anos, o conteúdo importado aumentou em praticamente todos os setores industriais do País, especialmente nas cadeias produtivas de maior intensidade tecnológica, pois o déficit comercial da indústria de transformação foi recorde em 2011, de US\$ 46,6 bilhões. Na indústria de transformação, por exemplo, o coeficiente de penetração

das importações (CPI) elaborado pela Fiesp, elevou-se em 11,4 pontos percentuais entre 2003 e 2011 (aumentou de 10,5% para 21,9%); no setor de máquinas e equipamentos o CPI atingiu 52% em 2011; no setor de material eletrônico e aparelhos de comunicações, 53,5%; no setor de equipamentos médicos e hospitalares, 58,4%; e no setor de máquinas para escritório e equipamentos de informática, 56%. A consequência disso é uma desarticulação das cadeias produtivas domésticas e maior dependência tecnológica de fornecedores estrangeiros, portanto, são gerados empregos de melhor qualidade e maior desenvolvimento tecnológico no exterior que poderiam ser gerados no Brasil.

“(Há) uma desarticulação das cadeias produtivas domésticas e maior dependência tecnológica de fornecedores estrangeiros, portanto, são gerados empregos de melhor qualidade e maior desenvolvimento tecnológico no exterior que poderiam ser gerados no Brasil”

Goiás Industrial – De que forma avançar para solucionar gargalos e como isso tem afetado a competitividade industrial?

Roriz Coelho – Entre janeiro de 2004 e janeiro de 2012, a taxa de câmbio brasileira se valorizou em 106,6% em relação ao dólar estadunidense. Essa valorização foi muito maior que aquela ocorrida nos países da zona do euro (valorização de 5,8%), da China (36,8%), da Índia (37,0%) e da Coreia do Sul (10,4%). O câmbio sobrevalorizado por alterar os preços relativos, barateando as importações no mercado brasileiro e encarecendo o produto doméstico no mercado estrangeiro, é o principal fator que diminuiu a competitividade brasileira nos anos recentes, pois durante esse período a balança comercial da indústria de transformação passou de superavitária (saldo positivo de US\$ 31,853 bilhões), em 2005, para deficitária em 2011 (saldo negativo de US\$ 46,637 bilhões).

A elevada e complexa carga tributária também tem minado a competitividade do País, pois a in-

dústria de transformação é o setor que mais contribui com a arrecadação dentre todos os setores (33,9% do total da carga em 2010), mas sua participação no PIB foi de 16,2%; devido a isso, a carga tributária da indústria de transformação é de 59,5% do seu PIB, representando 40,3% dos preços dos produtos industriais. Os custos da burocracia para pagar os tributos existentes no País representam R\$ 19,7 bilhões do faturamento da indústria de transformação, que ao se considerar o carregamento na cadeia à montante, totaliza um custo anual de 2,6% do preço dos produtos industriais. No campo logístico, estimativas da Fiesp indicam que os produtos industriais são encarecidos em R\$ 17,1 bilhões pelos custos de um sistema logístico deficiente, que não faz jus aos tributos arrecadados pelo Estado. Considerando o carregamento de custo na cadeia à montante, as deficiências da infraestrutura logística representam 1,8% do preço desses produtos.

Goiás Industrial – E qual o custo dessa política de juros altos?

Roriz Coelho – Quanto ao custo do crédito e spreads bancários, segundo o último Índice de Competitividade das Nações (IC-Fiesp 2011), em 2010 o Brasil teve uma ampla vantagem como o maior spread bancário do mundo, sendo aproximadamente 8, 14 e 22 vezes maior que o observado na China, Coreia do Sul e Japão, respectivamente. Os juros básicos e o spread bancário implicam em custo de R\$ 156 bilhões com financiamento para capital de giro da indústria de transformação. Considerando a cumulatividade na cadeia, em 2011, 7,5% do preço dos produtos industriais na porta da fábrica se deve ao custo de capital de giro; mesmo com Selic em queda, o Brasil tem a segunda maior taxa mundial (atrás da Rússia). Todos os fatores descritos acima agem em conjunto para diminuir a competitividade da indústria brasileira frente aos produtores estrangeiros.

A recente diminuição dos juros nominal para 8% ao ano tem um efeito triplo sobre a economia, a saber: torna o crédito para consumo mais barato e isso estimula o consumo de produtos industriais; reduz o custo do capital de giro para as empresas devido ao impacto para redução dos



“A Fiesp defende a criação de mecanismos permanentes e efetivos para reconduzir a taxa de câmbio a um nível que favoreça a produção nacional”

spreads bancários; e ajuda a combater a sobrevalorização da taxa de câmbio ao tornar os títulos públicos menos rentáveis aos investidores estrangeiros, assim a entrada de capital externo especulativo diminui e, portanto, isso contribui para a reversão do processo de valorização recente. Nesse sentido, é importante que os juros reais continuem caindo. Além disso, a Fiesp defende a criação de mecanismos permanentes e efetivos para reconduzir a taxa de câmbio a um nível que favoreça a produção nacional.

Goiás Industrial – Como fazer frente a situações assim?

Roriz Coelho – A Fiesp defende a simplificação dos tributos com respeito à eliminação de cumulatividades ao longo da cadeia produtiva e extinção da multiplicidade de tributos incidentes sobre a mesma base. Além disso, defendemos aumento no prazo de pagamentos de tributos

federais para a indústria utilizar esse dinheiro como capital de giro. Outra medida importante é a redução das alíquotas interestaduais de ICMS para 4%, para eliminar a guerra fiscal entre os Estados. Com relação às deficiências na área de infraestrutura, é necessário que o investimento público aumente para uma taxa de cerca de 5% do PIB, pois somente com maior investimento público se equaciona essa questão. A taxa média da última década é de cerca de 2% do PIB. Além disso, o governo deve agir para reduzir o custo da energia elétrica brasileira, a qual está entre as mais caras do mundo.

Goiás Industrial – A estagnação ou queda na produtividade industrial é uma tendência duradoura, reflexo de mudanças estruturais na indústria, ou se trata de um “tropeço” a ser superado quando a economia retomar níveis mais acelerados de crescimento?

Roriz Coelho – Entre 2000 e 2009, estudo desenvolvido pelo Skolkovo Institute for Emerging Market Studies, em conjunto com a consultoria Ernst & Young, atestou que o crescimento anual da Produtividade Total dos Fatores no Brasil foi de 0,4%, enquanto na China e na Índia, a PTF cresceu 5,2% e 2,8%, respectivamente. Além disso, os dados da produtividade do trabalho da indústria de transformação brasileira entre 2000 e 2008 – segundo os dados mais recentes das Contas Nacionais do IBGE e desconsiderando o ano de 2009 que foi de crise – foi ligeiramente negativo em -0,3% ao ano. Como a produtividade tende a ser maior na indústria que nos demais setores, pois a incidência da mecanização é maior na indústria, a perda de participação da indústria no PIB indica que o mau desempenho do País em termos de produtividade pode ser explicado parcialmente porque a indústria de transformação não liderou o ciclo de crescimento econômico recente. O principal fator que faz elevar a produtividade é o aumento dos investimentos em máquinas e equipamentos modernos e o crescimento industrial. A taxa de investimentos do Brasil situa-se em patamares baixos quando comparada a alguns países desenvolvidos. Entre 2008 a 2010, a taxa média de investimento do Brasil foi de 18,9% do PIB, en-

quanto a da China foi de 46,7%, a da Índia, de 35,7%, a da Coreia do Sul, de 29%, a da Argentina, de 23,6% e a do Chile, de 23,2%. Além disso, sempre é bom lembrar que o capital humano e a inovação tecnológica também contribuem para o aumento da produtividade. Quanto à educação, a melhora recente nos investimentos ainda não se refletiu em um proporcional aumento da alfabetização e escolaridade, comprometendo a qualidade da mão de obra do País. No ranking do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), de 65 países emergentes e desenvolvidos, o Brasil ficou em 53º lugar e no ranking do Fórum Econômico Mundial, a qualidade da educação básica coloca o Brasil em 127º lugar dentre 139 países. Quanto à inovação, a taxa da Pintec (Pesquisa de Inovação do IBGE) revelou que, em 2006-2008, apenas 38% das empresas indústrias fizeram algum tipo de inovação no sentido amplo (inclusive através da compra de máquinas e equipamentos modernos). Além disso, as últimas pesquisas da Pintec têm mostrado que essa taxa encontra-se estagnada. Em outro aspecto, o Brasil tem contribuído muito pouco com o gasto mundial de P&D: em 2007, contribuiu com 1,8%; enquanto a China com 8,9%; Alemanha, 6,3%; Coreia do Sul, 3,6%; Japão, 12,9%; e EUA, 32,6%. O investimento bem direcionado é a grande alavanca da inovação.

Goiás Industrial – O que se projeta para o futuro da indústria nessa área da produtividade e o que os dados da Fiesp têm indicado?

Roriz Coelho – A Pesquisa Fiesp de Intenção de Investimento 2012 revelou que as expectativas para o investimento em máquinas, equipamentos e instalações são de queda de 11% em 2012. Além disso, os dados das Contas Nacionais Trimestrais (CNT) para o primeiro trimestre de 2012, em comparação com o primeiro trimestre

“Um dos maiores gargalos para aumentar o investimento em P&D e inovação no Brasil está no próprio sistema financeiro do País, que disponibiliza crédito caro e insuficiente às empresas”

de 2011, indicam retração de 2,58% e os dados da Pesquisa Industrial Mensal Produção Física (PIM-PF) também corroboram com dados da CNT. Portanto, acreditamos que esse ano o crescimento da produtividade será fraco, independente da melhora nas áreas da educação e da inovação, as quais têm resultado mais efeitos no médio-longo prazo.

Goiás Industrial – Numa comparação internacional, qual a posição da indústria brasileira no quesito competitividade?

Roriz Coelho – A perda de competitividade do Brasil frente a outros países não se deve apenas ao desempenho fraco da produtividade industrial doméstica. Nossa perda de competitividade se deve, por um lado, à deterioração dos fatores sistêmicos internos já comentados (câmbio sobrevalorizado, juros elevados, carga tributária elevada e complexa, infraestrutura deficiente, entre outros) e, por outro lado, pelo avanço da competitividade dos países estrangeiros a uma taxa mais elevada que a brasileira; por exemplo, a China apresentou uma elevada taxa de investimentos e gastos crescentes em P&D, os quais representam na atualidade mais de 10% do gasto mundial em P&D. Por isso, no período de 2000-2010, a indústria de transformação brasileira tem crescido relativamente menos que os principais países em desenvolvimento. Segundo os dados

do Banco Mundial, a indústria brasileira cresceu 28% no período 2000-2010, enquanto que a chinesa avançou 190%; a indiana, 116%; a polonesa, 105%; a coreana, 84%; a tailandesa, 71%; a indonésia e a argentina, 54%; e a turca, 50%. Em 2009, por exemplo, a indústria indiana ultrapassou a brasileira e o Brasil passou da nona para a décima manufatura mundial. Além disso, um dos sintomas da nossa perda de competitividade é a deterioração do saldo comercial da indústria de transformação, que passou de US\$ 31,8 bilhões positivos, em 2005, para US\$ 46,6 bilhões negativos em 2011. Além disso, 70% dos setores industriais apresentaram déficit em 2011, ou seja, o déficit é generalizado por quase todos os setores. Portanto, numa comparação internacional, a indústria brasileira cresceu relativamente menos que alguns países em estágio similar de desenvolvimento econômico e os indicadores relacionados ao comércio exterior da manufatura mostraram-se muito desfavoráveis ao Brasil.

Goiás Industrial – O governo tem recorrido a reduções pontuais de impostos e incentivos de crédito para estimular a atividade econômica. Embora a inovação venha sendo citada como prioridade, muito pouco dessas medidas pode ser associado a políticas mais permanentes e verticais de apoio à pesquisa, desenvolvimento e inovação. Como seria possível fazer a conexão entre essas duas pontas?

Roriz Coelho – O elo entre a inovação e o desenvolvimento econômico é de central interesse, haja vista que países mais ricos tendem a investir maior proporção de seu PIB em P&D. No entanto, isso não quer dizer que medidas conjunturais de curto prazo serão suficientes para influenciar o nível de investimento em P&D, por um motivo simples: apesar de comprovados os benefícios de se investir em inovação, na prática, não se trata apenas de um exercício de vontade, mas, sim, uma decisão econômica limitada por uma série de fatores. Em especial, por se tratar de uma atividade inerentemente arriscada e com resultados incertos, na margem, ela é significativamente impactada por aspectos macroeconômicos, estruturais e regulatórios, o que exige forte pre-

“A Pesquisa Fiesp revelou que as expectativas para o investimento em máquinas, equipamentos e instalações são de queda de 11% em 2012”



sença do Estado para garantir o devido incentivo às iniciativas de inovação. Sem dúvida, é bastante salutar a iniciativa do governo em estimular a atividade econômica num cenário adverso, mas essa não é a primeira crise da história e não será a última. Porém, a lição que fica de todas elas é seu comportamento cíclico, ou seja, posterior à crise vêm os momentos de crescimento e a instauração de novos arranjos econômicos, políticos e sociais. Dessa forma, as empresas que não trabalham com inovação correm o risco de não participar do momento posterior à crise, pois terão ficado para trás na economia globalizada. Por esse motivo, é urgente intensificar as ações governamentais para estimular a P&D e inovação, o que pode ser uma forma de se adiantar às mudanças baseando-se em aspectos mais estruturais, dado que as crises, em geral, são flutuações de curto prazo.

Goiás Industrial – Apesar do avanço recente, o Brasil continua atrás de países como a Coreia, por exemplo, que investe 3,7% do PIB em P&D, com maior concentração no setor privado. Quais os caminhos para fazer esses índices crescerem e ampliar a fatia privada nesses investimentos?

Roriz Coelho – Não há dúvidas com relação à vantagem de perseguir um modelo onde os investimentos privados são proeminentes frente aos investimentos públicos. No entanto, não se pode esquecer que os países que hoje apresentam elevadas taxas de P&D, acompanhadas da proeminência do setor privado, possuem uma política pública mais agressiva para inovação e empreendedorismo quando comparada à política brasileira. Os dados mais recentes da OCDE (2008) mostram que o apoio do governo brasileiro na forma de subvenção e incentivos fiscais para P&D chegou a 0,18% do PIB; para o mesmo ano, esse indicador correspondeu a 0,34% na Coreia, 0,24% no Canadá e 0,23% tanto nos Estados Unidos quanto na França. Nesse sentido, para recuperar terreno e avançar, é preciso tratar a inovação, na prática, como prioridade, diferentemente do que acontece no País quando todo início de ano o orçamento de ciência e tecnologia, que já é pífio comparado a outros países,

acaba sendo um dos primeiros a receber cortes. Como forma de resolver essa deficiência é preciso, primariamente, separar os problemas que podem ser combatidos no curto prazo daqueles que precisam de mais tempo para resolver. A falta de mão de obra qualificada e os problemas com infraestrutura certamente se encaixam neste último perfil. Por sua vez, algumas questões macroeconômicas também não serão resolvidas de um dia para outro, mas, quando há coordenação e vontade política, o caminho pode ser encurtado.

Os mecanismos de incentivo direto às empresas, esses, sim, podem ser resolvidos no curto prazo, como, por exemplo, estender às empresas tributadas pelo lucro presumido os incentivos fiscais à inovação tecnológica, além de respeitar e agilizar os prazos do cronograma de subvenção econômica da Finep para que o repasse de recursos não demore até chegar a empresa. Na área de crédito reembolsável, podem ser dados “bônus” às empresas que são boas pagadoras, além de simplificar o acesso, divulgar com frequência as informações sobre as linhas e agilizar os processos de avaliação dos projetos e repasse dos recursos. A espera de aproximadamente cinco anos para a concessão de patentes é outra medida que precisa ser combatida no médio prazo. Essa duração é absolutamente conflitante com as premissas de competitividade presentes nas políticas industrial e tecnológica. Por fim, é preciso rever nossas políticas de comércio exterior no sentido de fortalecer os instrumentos que permitem articular a política comercial com a política industrial e de inovação. Um bom começo seria dar atenção especial à internacionalização de empresas, e dar grande apoio à exportação de produtos de maior intensidade tecnológica.

“Os dados mais recentes da OCDE (2008) mostram que o apoio do governo brasileiro na forma de subvenção e incentivos fiscais para P&D chegou a 0,18% do PIB; (frente a) 0,34% na Coreia, 0,24% no Canadá, e 0,23% tanto nos Estados Unidos quanto na França”

MAIS LUCROS COM QUALIFICAÇÃO DE FORNECEDORES

Participantes do Programa de Qualificação de Fornecedores, desenvolvido pelo IEL, comemoram bons resultados na gestão e aumento no faturamento

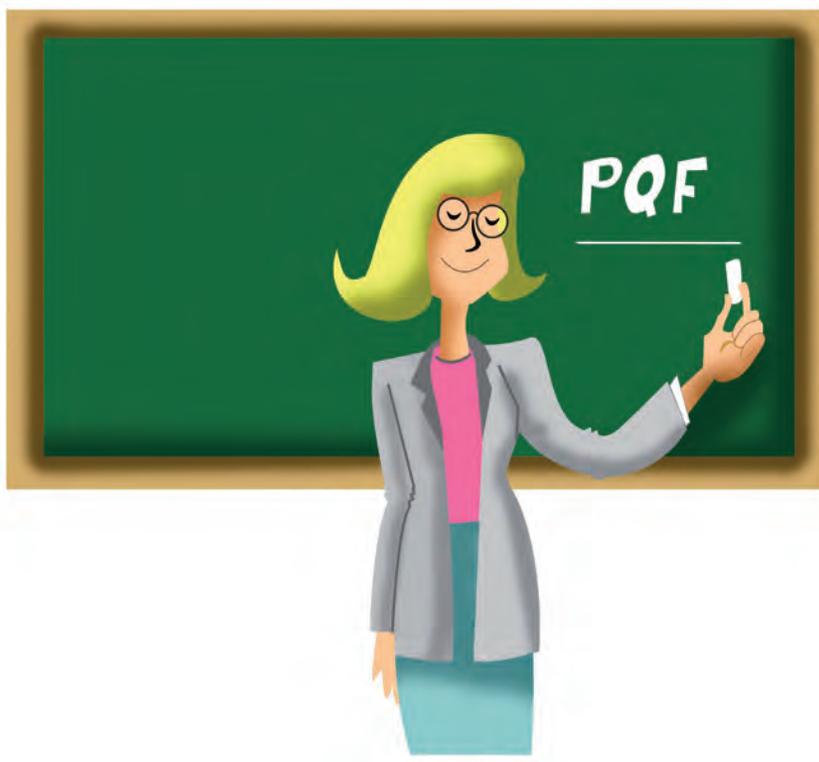
Célia Oliveira

O processo de qualificação de fornecedores pode ser uma tarefa árdua e complexa, pois envolve critérios técnicos, vontade, entendimento da necessidade de aprimoramento, capacitação e avaliação, todos devendo ser minuciosamente considerados, para que as empresas participantes alcancem os objetivos vislumbrados.

Criado pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) com a meta de fomentar pequenas e médias empresas fornecedoras para atender indústrias (grandes compradoras de serviços e/ou produtos), o Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF) tem auxiliado o setor produtivo

goiano a elevar a qualidade da gestão e o faturamento das empresas participantes.

Desenvolvido desde 1999, o PQF já chegou a 12 municípios e a mais de 500 empresas, entre compradoras e fornecedoras. A pesquisa por amostragem PQF – Avaliação de Resultados ouviu 70 empresas participantes em seis localidades (Niquelândia, Goiânia, Anápolis, Itumbiara, Catalão e Rio Verde) e aponta bons resultados. Dentre os entrevistados, 53% afirmaram ter tido aumento de faturamento e 87% apontaram benefícios como ampliação das oportunidades de negócios, aumento da produção, melhoria no atendimento ao cliente e na qualificação profissional e obtenção de informações em geral.



PQF É O REMO

A Hidrodinâmica Comercial e Técnica Ltda. (HDN Bombas) é exemplo de como o PQF pode ajudar na organização dos negócios e no crescimento. Localizada em Goiânia há 27 anos, a empresa de médio porte alcançou o patamar de organização voltada para processos e planejamento estratégico, com auxílio do programa. “Antes, era voltada para modelos copiados que não contemplavam a gestão da qualidade. Atualmente, a empresa tem uma feição própria”, aponta o diretor industrial, Antônio Carlos Rodrigues.

Depois do PQF, os cerca de 50 funcionários da companhia estão focados no planejamento estratégico. “Dessa forma, pudemos colher os

benefícios em relação à melhoria de projetos já existentes, assim como planejar e executar novos”, complementa.

Atuante no ramo de distribuição e assistência técnica em bombas, a empresa adiciona outras vantagens à gestão com os conhecimentos do PQF, como avanço nas relações com os clientes e criação de uma imagem da marca. “Além disso, passamos a oferecer uma série de produtos e serviços que, sem planejamento, não teríamos conseguido”, acrescenta.

Paralelamente a todas essas conquistas, a HDN Bombas registra também o que todo negócio comercial almeja. O faturamento cresceu aproximadamente 20%, o que Antônio Carlos atribui ao programa de qualificação.

Com esse aumento – conta o diretor – “podemos investir na melhoria da qualidade, tanto em produtos como em serviços e mão de obra. Tornamos-nos mais competitivos e, obviamente, com melhores chances em relação à concorrência.”

Os dirigentes da Transporte Serra Verde, em Niquelândia, microempresa fundada há cinco anos, acalentavam o sonho de a companhia ser conhecida no mercado. O salto para isso



Antônio Carlos Rodrigues, da HDN: “Tornamos-nos mais competitivos e, obviamente, com melhores chances em relação à concorrência”

ocorreu graças à participação no PQF, definindo missão, visão, valores e mantendo com os funcionários reuniões mensais, “para melhorar nossa comunicação e atendimento aos clientes”, observa Quezia Ferreira da Silva, representante da direção.

Atuante em Goiás, a Transporte Serra Verde presta serviços também em Minas Gerais e São Paulo e os números de crescimento são considerados muito bons. Em percentuais, a empresa saiu de um faturamento de 60% para 80%.

A RELAÇÃO TAMBÉM CONTA



Equipe da Alquimia Lingerie: novos caminhos e melhoria na relação com os clientes

Se os números são reflexos do crescimento ou não de qualquer negócio, há por trás das estatísticas um fator que muito contribui para a gestão de uma empresa e com o crescimento de faturamento. Trata-se do relacionamento com os clientes.

Ao valorizar esse aspecto, a Alquimia Lingerie avançou nas relações com a clientela. Segundo a gerente de vendas, Cristiane Lazarino, foi com o PQF que a empresa do ramo de confecção viu que as opiniões dos clientes são importantes para o desempenho. “A relação empresa-cliente foi um fator fundamental no qual demos mais relevância com o programa, criando um questionário no qual podemos registrar suas preferências e opiniões.”

Sem revelar cifras ou percentuais, Cristiane conta que retira do fluxo de caixa informações que demonstram à gestão da indústria como vai o desempenho financeiro. “O PQF nos abriu caminhos que antes não víamos, nos apresentou ferramentas simples, mas de grande importância para o desenvolvimento da empresa.”

No mercado de Itumbiara há 15 anos, a Alquimia Lingerie, segundo a gerente, estava numa “zona de conforto” antes do PQF. Agora, “nos-

“... e todos os processos foram todos melhorados e temos uma visão mais clara e específica com relação a resultados”, observa Cristiane.

Avanços neste setor foram vivenciados também pela Transporte Serra Verde, que hoje tem uma sistemática para se relacionar com os clientes. “Ligamos, mandamos e-mail e buscamos saber o que pensam nossos clientes e vimos muita

aproximação com eles”, aponta Quezia da Silva. Novas oportunidades também chegaram às portas da HDN Bombas via PQF. Conforme Antônio Carlos, a relação com os fornecedores tradicionais e os mais recentes saiu fortalecida e, ainda, houve expansão de mercado. “Crescemos dentro dos limites geográficos que nossos contratos nos impõem.”

VANTAGENS PARA A GESTORA

Coordenadora de Gestão da Qualidade na Jaepel Papéis e Embalagens, Luciana dos Santos foi a responsável por indicar fornecedores ao PQF. Ela acompanhou cada etapa do programa que capacitou participantes para atender às demandas da indústria de médio porte, instalada no distrito agroindustrial de Senador Canedo. Única no segmento em Goiás, a Jaepel atua com produtos no ramo de papel reciclado. Nesta entrevista, ela fala sobre os resultados do programa.

Que necessidades levaram a Jaepel a participar do PQF como gestora?

Como nosso ramo de atuação é específico e, em Goiás, somos únicos, fomos atrás do PQF para identificar e qualificar fornecedores para melhorar contato, logística e valorizar as empresas fornecedoras da região.

O que mudou no relacionamento da Jaepel com os fornecedores?

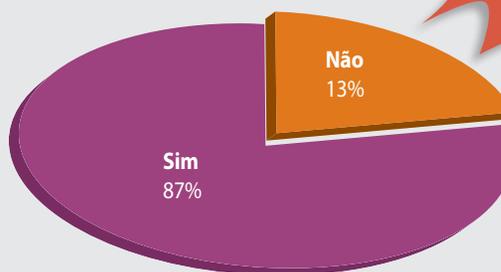
Conseguimos estabelecer novas parcerias e ampliar rede de contato, identificando fornecedores para nossa maior demanda, a aquisição de aparas de papel ondulado.

Qual foi o maior benefício do PQF para a Jaepel?

Sem dúvida, as parcerias estabelecidas dentro do Estado, o que tem reduzido nosso tempo de espera e custos com logística.

Luciana dos Santos, da Jaepel: qualificação pelo PQF faz parte dos critérios da empresa para contratar fornecedores

Benefícios a partir do PQF?



86% dos entrevistados deram ao PQF nota acima de 7

Benefícios gerados a partir da participação no PQF

- Obtenção de informações em geral
- Melhora no atendimento ao cliente
- Melhoria na qualificação profissional
- Aumento do faturamento da empresa
- Ampliação das oportunidades de negócios
- Aumento do número de clientes
- Aumento das vendas

97% indicariam o PQF para outras empresas

Fonte: IEL Goiás/2012

Qual a política de compras da Jaepel?

O PQF é, para nós, um critério para selecionar fornecedores. Na nossa política da qualidade, temos um item que se chama “Parceria com fornecedores visando benefício mútuo”, aplicado e vivenciado na prática.

A Jaepel, em alguma circunstância, pode vir a comprar produtos de fornecedores sem qualificação?

De forma nenhuma. Inclusive um dos critérios que colocamos em nosso Sistema de Gestão da Qualidade é que o fornecedor, no mínimo, deve ter certificação ISO 9001 ou ter participado do PQF. O programa consegue fazer a empresa se desenvolver amparado na qualidade.

OS DESAFIOS DA CARGILL

Multinacional investe R\$ 4,5 milhões na reestruturação e modernização de seus sistemas de monitoramento e tratamento de resíduos na fábrica de Goiânia

A Cargill quer deixar no passado um histórico conflituoso com órgãos ambientais, herdado com a aquisição do negócio de atomatados da Unilever em março do ano passado, para focar seus esforços na fábrica de Goiânia. A empresa destacou R\$ 4,5 milhões para investir na modernização e reestruturação de todos os sistemas de monitoramento e tratamento de efluentes da unidade goiana, revendo processos, reformando e ampliando edificações, além de comprar equipamentos mais modernos para sua estação de tratamento de resíduos – que tem capacidade para 420 mil litros por hora – e trocar 90% dos aparelhos utilizados em seu laboratório de análises por outros de última geração, tornando mais eficiente o controle de todo o sistema.

Segundo Milton Miranda, gerente de meio ambiente da unidade de Goiânia, foram atualizados e renovados, entre outros, os sistemas de drenagem, de monitoramento de odores e de emissão de fumaça preta nas caldeiras e de remoção de areia, que foi automatizado. Os desafios são grandes porque, apenas na safra iniciada em junho, a empresa deverá receber 420 mil toneladas de tomate, atingindo perto de 4 mil toneladas diárias no pico da colheita.

Toda essa carga deve ser drenada e lavada antes de entrar no circuito industrial. A água resultante desse processo, depois de passar por um sistema de decantação, agora volta a ser utilizada na lavagem do fruto, racionalizando seu consumo e reduzindo a carga de resíduos destinada à estação de tratamento, que recebeu um novo sistema de aeração, peneiras e um decantador inteiramente novos e mais uma centrífuga utilizada na secagem do lodo antes de sua destinação final. Uma empresa terceirizada responderá pela compostagem desse material, que será agregado ao solo da fazenda da Cargill em Santo Antônio de Goiás.



Miranda: “nariz eletrônico” é utilizado para monitorar odores na unidade de Goiânia

O NARIZ ELETRÔNICO

A Cargill desenvolveu ainda um sistema móvel de monitoramento da qualidade do ar na fábrica e em seu entorno, treinando uma equipe de 17 pessoas para literalmente “cheirar” o ar em 20 pontos mapeados previamente, de acordo com estudo que permitiu estabelecer a direção e a intensidade dos ventos na região. A equipe trabalha com um dos dois narizes eletrônicos (ou nasal ranger, em inglês) importados dos Estados Unidos e deve ser ampliada em breve, para que o segundo também possa ser utilizado. O aparelho permite ao operador identificar a fonte de maus odores e medir sua intensidade, facilitando e acelerando sua correção.

Depois de receber tratamento primário, o efluente segue para o tanque de equalização e, depois, para o flotador, onde seu Ph é reduzido para 5. “Esse material pode ser redirecionado para o sistema primário, caso detectemos algum problema, antes de ser lançado na lagoa de estabilização”, afirma Miranda. Devidamente estabilizado, o efluente é direcionado para a segunda lagoa, numa etapa de refinamento antes de ser lançado no Rio Meia Ponte. Cada uma das lagoas tem capacidade para 53 milhões de litros.

MUTIRÃO EM RUBIATABA

Ação do Senai capacita 150 moradores beneficiados com cheques-moradia distribuídos pelos governos estadual e federal para área da construção civil

Janaina Staciari e Corrêa

Rubiataba, na Região Centro Goiano, a 213 quilômetros de Goiânia, vive surto de crescimento na construção civil, puxado principalmente pela recente inclusão da cidade no Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), do governo federal, que beneficiará 248 famílias de produtores rurais com distribuição de cheques-moradia no valor unitário de R\$ 20 mil, acrescidos de mais R\$ 5 mil do governo estadual. Os recursos provocaram imediata demanda por mão de obra no setor, inexistente na região.

Procurado para executar programa de qualificação profissional no município, em parceria com a Secretaria Estadual de Cidadania e Trabalho, prefeitura e Caixa Econômica Federal, o Senai desenvolve, desde março, programação de cursos, em ação móvel da Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, de Anápolis, distante 205 quilômetros.

A meta é capacitar 150 moradores, a maioria agricultores, em cursos de pedreiro de edificações, com duas turmas já iniciadas; carpinteiro de formas; instalador hidráulico; e eletricista predial, com duração de 160 horas cada. Ao final, será ministrado, conforme demanda, o curso de pintor predial, completando assim todo o ciclo de capacitação em construção civil. Para a realização das turmas, a Subsecretaria de Educação cedeu sala de aula no colégio Pedro Alves de Moura, onde são executadas as aulas teóricas. A parte prática é feita em casas de moradores que necessitam de ajuda para concluir suas construções.

Os participantes colocam a mão na massa, literalmente, fazendo pequenas reformas, construção de cômodos e de instalações inexistentes, como banheiros, em residências de pessoas carentes indicadas pela comunidade. Eles construíram, inclusive, um cômodo na própria escola onde estão sendo ministradas as aulas teóricas para abrigar estoque de materiais.

CURSOS MOBILIZAM TODA A POPULAÇÃO

Os cursos realizados pelo Senai em Rubiataba, uma reivindicação da Associação dos Pequenos Produtores Rurais, mobilizam a população local, de 18,6 mil habitantes, e de cidades vizinhas, despertando grande interesse não apenas entre os agricultores beneficiados com a distribuição de cheques-moradia.

O prefeito, José Luiz Fernandes, afirma que a cidade está crescendo e, em toda parte, nota-se um grande número de construções. “Esse trabalho do Senai vem suprir uma necessidade grande de Rubiataba hoje, que é mão de obra especializada, principalmente de pedreiros, encanadores. Vários pedreiros de outras cida-



Mãos na massa: alunos do Senai participam da construção de moradias

des estão vindo trabalhar aqui porque temos uma demanda muito grande, mas não tínhamos mão de obra. Então, esses cursos do Senai realmente vêm suprir essa necessidade, ao mesmo tempo em que gera renda para as pessoas do próprio município”, acrescenta.

Sirlene Borba, gerente regional da Caixa Econômica Federal, observa que não somente os beneficiados diretamente pelo programa serão favorecidos com a ação. “Esse dinheiro, além de transformar a vida dessas famílias, também vai prover o comércio local porque o cheque-moradia só pode ser usado para comprar na comunidade. Então são R\$ 20 mil do governo federal mais R\$ 5 mil do governo estadual por família que vão ficar na cidade de Rubiataba”, explica. A chegada da Caixa Econômica Federal na cidade, em dezembro do ano passado, propiciou a distribuição dos cheques-moradia. No entanto, apesar de os recursos estarem disponíveis para o financiamento das casas, não havia mão de obra para construção civil na região.

GESTÃO E ÉTICA

Com o decorrer das atividades, outros moradores do município, além dos agricultores beneficiados, se interessaram pelos cursos gratuitos e estão participando das aulas. “A gente tem percebido que várias pessoas buscam o curso também para ter um maior conhecimento de como gerir uma obra. E o Senai tem dado essa formação na questão de gestão, questão de ética. Isso foi uma das coisas que chamou muito nossa atenção, que o pedreiro não ser preparado só para assentar o tijolo, mas para se relacionar com o cliente, com a comunidade”, acrescenta Sirlene Borba, gerente regional da Caixa.

Wender Baliero dos Santos, aluno da segunda turma de pedreiro de edificações, diz que o curso lhe dará oportunidade de melhorar a renda familiar. “É a primeira vez que eu estou estudando para ser pedreiro. Não tinha experiência na área de construção civil. Mas, como agora tá tendo muita obra aqui na cidade, é uma chance boa da gente ganhar um dinheiro extra”, afirma.



Muro em construção: formação de mão de obra atende a reivindicação local

CENTRO COMUNITÁRIO

Além da qualificação de mão de obra, o programa executado pelo Senai prevê, ao final, a construção de moradias destinadas aos concluintes, além de um centro comunitário. Serão construídas edificações residenciais, com área de 56m². As casas terão dois quartos, um banheiro, sala, cozinha e, externamente, uma lavanderia. Futuramente, poderá haver aumentos nas residências, mas não estão previstos nos projetos originais e nos orçamentos e memoriais. Os trabalhos para construção serão em regime de mutirão assistido. Para tanto, os voluntários e proprietários receberão treinamento técnico e assistência técnica do Senai.

“Meu irmão não teria condições de construir essa casa. Ele não tem grandes recursos financeiros, está adoentado, precisando de remédio, de comida. Então, é uma benção de Deus o Senai estar aqui agora.”

Varnita Benta da Silva Rodrigues, irmã de Antônio, cuja casa está sendo construída por alunos da capacitação em construção civil do Senai em Rubiataba, com os sobrinhos na foto





Batuque com arte: grupo de menores anima a festa de inauguração do centro de convivência

E O NOVO POLO SAI DO PAPEL

O Distrito Agroindustrial de Senador Canedo deverá receber 11 fabricantes de móveis, com investimentos que poderão atingir R\$ 55 milhões

Entre agosto e setembro, as duas primeiras indústrias de móveis acionam suas máquinas, dando tintas mais concretas ao projeto formado há quase três anos para instalação de um polo moveleiro em Senador Canedo. Mais nove empresas do setor deverão entrar em operação até o próximo ano e, juntas, responder pela criação de 800 empregos diretos, com faturamento projetado para quase R\$ 360 milhões por ano. Os cálculos são do presidente da Associação das Indústrias Moveleiras de Senador Canedo (Pmeg), Harley Oliveira Paiva. “Trata-se do primeiro polo do setor no Estado, envolvendo investimento total que po-

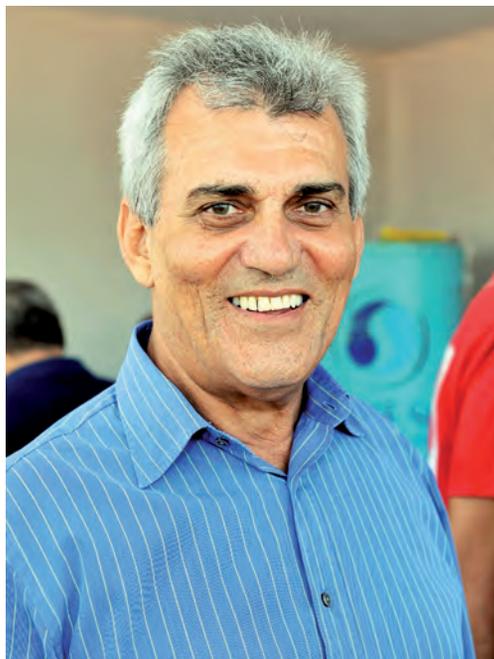
derá alcançar em torno de R\$ 55 milhões até sua consolidação, incluindo a aquisição de novas máquinas, mais modernas, edificações e a construção de áreas comuns, destinadas a atender às indústrias que estarão instaladas ali”, detalha Pedro Silvério, presidente do Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás (Sindmóveis). Segundo Oliveira, quatro indústrias começam a funcionar até o final deste ano, significando a abertura de 350 empregos diretos. A previsão é de que as demais empresas estejam instaladas até agosto de 2013, gerando outras 450 colocações de forma direta.

O MODELO ITALIANO

Com área total de 108 mil metros quadrados, cedida em comodato pela Goiasindustrial, de acordo com o presidente da Pmeg, Harley Oliveira Paiva, o polo abrigará as empresas Imol, Paulete Armários (Post Portas), Movelaria Atrium, Rádica, Finart, Mobile, Amobras e Probel, além de um centro para capacitação, treinamento, assistência à saúde e lazer dos quase 800 funcionários previstos, com laboratórios, área de tecnologia, refeitório e biblioteca.

Para Oliveira, a associação das maiores indústrias do setor no Distrito Agroindustrial de Senador Canedo tende a estimular o desenvolvimento de um ambiente de “grande cooperação técnica e operacional, agregando maior poder de barganha às empresas do polo na área de compras de insumos, matérias-primas e equipamentos”.

A referência principal, que servirá de modelo para a consolidação do polo, lembra Oliveira, remete à experiência das micro e pequenas empresas fabricantes de móveis do norte da Itália. O salto tecnológico e de produtividade veio a partir da implantação de clusters, reunindo fornecedores e indústrias, num modelo que o Sindmóveis e a Pmeg tentarão replicar em Se-



Harley Oliveira: cooperação técnica, operacional e também no setor de compras de matérias-primas e insumos

nador Canedo. “O polo permitirá que a indústria moveleira se posicione de forma mais competitiva no mercado, criando oportunidades de crescimento no mercado local e também fora de Goiás”, acredita Oliveira.

CENTRO DE CAPACITAÇÃO

Num investimento de R\$ 900 mil, dos quais R\$ 500 mil liberados pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), resultado de emenda proposta pela senadora Lúcia Vânia (PSDB-GO), foi inaugurado, no dia 22 de junho, o Centro Integrado de Treinamento e Convivência do Polo Moveleiro de Senador Canedo, com direito à apresentação do Batucart - grupo de percussão formado por bolsistas do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) da cidade. A prefeitura do município entrou com R\$ 300 mil, cabendo à Pmeg aporte de R\$ 100 mil, no que parece ser a primeira parceira público-privada do Estado, embora o arcabouço jurídico dessa



Inauguração: Pedro Oliveira, Lúcia Vânia, autoridades e empresários descerram placa do centro de capacitação em Senador Canedo



Área comum: central atenderá às 11 indústrias moveleiras do polo

parceria não tenha características oficiais de uma PPP.

Com mil metros quadrados de área construída, o centro está instalado num terreno de 12 mil m², de acordo com o presidente do Sindmóveis, Pedro Silvério, e tem capacidade para atender até 600 pessoas em três turnos, conforme o presidente da Pmeg, Harley Paiva Oliveira. A central vai operar como uma plataforma para capacitação contínua da mão de obra empregada pelo condomínio formado pelas empresas moveleiras na região, além de fornecer refeições e oferecer lazer, cultura e saúde. Como as despesas de operação e manutenção serão repartidas entre as indústrias do polo, a ideia é ter custos individuais mais baixos, ajudando a incrementar a competitividade. Silvério e Oliveira esperam que o complexo esteja funcionando a plena capacidade até maio do ano que vem.

Participaram do evento, além de Silvério e Oliveira, o presidente da Fieg, Pedro Alves do Oliveira, o diretor regional do Senai, Paulo Vargas, o prefeito de Senador Canedo, Túlio Sérgio, a senadora Lúcia Vânia, Ridoval Chiareloto, presidente da Goiasindustrial, e Marcos Abrão, da Agência Goiana de Habitação (Agehab).

UM SALTO DE 180%

A tradicional Imol, no mercado há 76 anos, desde que iniciou seu primeiro negócio em Cumari, no sul de Goiás, na divisa com Minas Gerais, está de malas prontas para nova mudança. Desta vez, a indústria deixa o setor Criméia Oeste, em Goiânia, onde se instalou há 45 anos, para inaugurar sua nova fábrica no Polo Moveleiro de Senador Canedo.

O prédio, conta Harley Oliveira de Paiva, diretor geral da Imol, ficou pronto no final de junho e os novos equipamentos, mais modernos e totalmente automatizados, trazidos quase todos da Itália e outros de fabricantes do sul do Brasil, estão sendo instalados para que a operação possa começar brevemente, talvez ainda em agosto. Apenas em edificações, a Imol investiu R\$ 3,2 milhões, desembolsando mais R\$ 2,1 milhões em maquinaria, quase tudo com recursos do próprio caixa. Apenas uma parcela dos equipamentos, fabricados no País, terá financiamento da Fina-me, agência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A nova indústria terá área construída de 3,6 mil m², num terreno total de 7,5 mil m². A automação de toda a linha de produção e a nova distribuição dos equipamentos no chão da fábrica, destravando o processo produtivo e facilitando a movimentação de matérias-primas e de produtos acabados, trarão como resultado salto impressionante de 180% na produtividade, afirma Oliveira. “O número parece assustador, mas é que atualmente ainda temos muitas máquinas manuais”, acrescenta.

A empresa continuará focada em seus mercados tradicionais, que incluem a produção de móveis corporativos, para hotéis e instituições financeiras, o fornecimento para lojas de departamento e de alta decoração. Neste último caso, ressalva Oliveira, os móveis são exclusivos e produzidos em pequena escala, sob encomenda, mas apresentam alto valor agregado.

TECNOLOGIA E ESCALA

O Sindmóveis, destaca seu presidente, Pedro Silvério, além de participar ativamente do projeto de implantação do polo em Senador Canedo, articula-se com entidades parceiras, como o Senai Goiás, Sebrae, Caixa Econômica Federal e BNDES, para promover, em 2013, uma grande feira de caráter nacional, com duplo objetivo. O primeiro, detalha Silvério, é agregar maior competência tecnológica à indústria moveleira do Estado, estimulando ganhos de escala que a capacite a fornecer seus produtos para o mercado local e para exportações.

“Hoje, 70% da produção de móveis absorvida pelo mercado goiano vem de fora do Estado, porque 99% de nossas empresas trabalham com linhas curtas de produção, operando quase que por encomenda”, relata Silvério. O Estado abriga em torno de 2 mil fabricantes de móveis, dos quais 1,7 mil são formais, gerando perto de 20 mil empregos, segundo o Sindmóveis. A ideia é que essas empresas passem a ter condições para atender a grandes redes de varejo, incrementando seus negócios de forma vigorosa e permanente.

O segundo objetivo, continua Silvério, é atrair investimentos a partir da realização mais frequente de feiras e mostras nacionais no Estado, o que poderia estimular a instalação de indústrias de bens de capital para o setor moveleiro ou, alternativamente, de distribuidores de máquinas e equipamentos. Os resultados da 9ª Mostra Affemaq, realizada em Goiânia entre os dias 29 e 31 de maio, animaram o Sindmóveis a buscar esse caminho como estratégia para alavancar o crescimento do setor no Estado.

Promovida pela Associação dos Fornecedores para as Indústrias de Madeira e Móveis (Affemaq), com apoio do Sindmóveis, a mostra recebeu visitantes de sete Estados brasileiros, além de missão empresarial italiana que cumpriu agenda em Goiás sob coordenação da Fieg. Com participação de 30 fabricantes e distribuidoras de máquinas, ferramentas e acessórios, além de prestadores de serviços, a mostra gerou negócios estimados em R\$ 5,0 milhões, entre ven-



9ª Mostra Affemaq; perspectiva de geração de R\$ 5,0 milhões em vendas

NOVO LAYOUT

A Post Portas, instalada há 26 anos em Goiânia, decidiu trocar uma área construída de 3,3 mil m², alugada próxima à Perimetral Norte, por outra de 2,8 mil m² para simplesmente dobrar sua produção, diante dos ganhos de produtividade esperados com a mudança para sua unidade em fase final de construção no Polo de Senador Canedo.

O investimento total, calcula o proprietário da empresa, Carlos Alberto Vieira Soares, deverá atingir algo em torno de R\$ 3,0 milhões, entre máquinas – 90% delas importadas da Itália – e obras civis. “O maquinário está sendo instalado e deveremos iniciar a operação entre agosto e setembro”, prevê ainda.

Com linhas mais modernas e novo layout, Soares espera ampliar a produção atual diária de 60 para 100 a 120 chapas de 2,75 por 1,83 metros, utilizadas na fabricação de armários para cozinha, escritórios, banheiro e home theater, usualmente fornecidos para a Paulete Armários, comprada há seis anos pelo empresário.

das fechadas durante o evento e negócios ainda em andamento, de acordo com o presidente da Affemaq, Euclides Rizzi. Entre as tratativas em andamento, a Paulete Armários, do empresário Carlos Alberto Vieira Soares, espera contratar a compra de uma linha de pintura com a catariense Maclinea.



Na liderança: setor farmacêutico puxa salto de 53% na fabricação de produtos químicos em Goiás

NA CONTRAMÃO DO BRASIL

A economia do Estado e sua indústria crescem com vigor e o Sistema Fieg calibra seus investimentos para atender à crescente demanda com mais qualidade

Lauro Veiga Filho

Puxada pela indústria e pela agropecuária, a economia goiana assumiu posição de liderança no ranking das que mais avançam, contrariando a tendência geral do País, que trafega entre a estagnação e o baixo crescimento. “Estamos no caminho correto, crescendo com a diversificação de nossa economia, num processo em que a indústria desempenha papel relevante”, afirma o presidente do Conselho Regional de Economia de Goiás (Corecon-GO), Álen Rodrigues de Oliveira.

O economista pondera, no entanto, que o Esta-

do deve ter como meta aprimorar a competitividade da indústria local, trabalhando de forma mais eficiente, num exemplo, a logística regional como forma de capitalizar a posição geográfica de Goiás, preservando sua capacidade para atrair investimentos.

O Sistema Fieg está atento às tendências que conduzem o lado real da economia goiana para mais uma fase de crescimento acelerado e reforça sua musculatura para atender às demandas decorrentes do avanço da atividade econômica. Com investimentos de R\$ 85 milhões, o Senai Goiás vai quase dobrar o total de matrículas anuais em apenas dois anos, beneficiando

em torno de 200 mil alunos.

O Sesi Goiás antecipa-se aos movimentos na economia, aperfeiçoando os serviços prestados e investindo na melhoria da qualidade de vida dos empregados no setor industrial. A entidade acaba de entregar ao público o Clube Antônio Ferreira Pacheco totalmente revitalizado, num investimento que superou a casa dos R\$ 12 milhões. Capacitação técnica e melhores condições de trabalho, na visão do sistema, ajudarão a sustentar o crescimento do Estado. *(Mais informações sobre os investimentos do Sistema Fieg nas páginas 28 e 32)*

O QUE MOSTRAM OS NÚMEROS

As estatísticas ajudam a visualizar os caminhos percorridos pela economia estadual. Remando contra a maré do desaquecimento, o Produto Interno Bruto (PIB) de Goiás cresceu 6,6% no primeiro trimestre, com altas de 9,7% para a agropecuária, 9,5% para a indústria em geral e de 4,5% no setor de serviços. Os altos e baixos em geral observados no setor agropecuário, dependente, entre outros fatores, dos humores do clima, têm sido compensados pelo comportamento mais uniforme do setor industrial, segundo análise do Instituto Mauro Borges, da Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado.

Entre 1995 e 2011, o PIB industrial mais do que dobrou de tamanho, avançando 105,8%. Economia de industrialização mais recente, era de se esperar que a indústria apresentasse crescimento mais destacado, levando-se em conta as transformações ocorridas no setor, com a chegada de novas empresas e de novos ramos de atividade. Mas o PIB da indústria brasileira cresceu apenas 29% no período.

O valor da transformação industrial em Goiás foi multiplicado em mais de seis vezes na primeira década do século, atingindo R\$ 17,771 bilhões em 2010, dado mais recente divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A participação da indústria goiana no valor total da transformação industrial no País dobrou de 1,09% em 2000 para 2,16% em 2010.



“Estamos no caminho correto, crescendo com a diversificação de nossa economia, num processo em que a indústria desempenha papel relevante”

Álen Rodrigues de Oliveira, presidente do Conselho Regional de Economia de Goiás (Corecon-GO)

Bons ventos>>

(Indicadores da produção industrial mensal em Goiás, índice de base fixa mensal – média de 2002= 100)

Mês	Índice
Mai/2011	167,93
Jun	176,69
Jul	174,09
Ago	167,39
Set	175,30
Out	168,23
Nov	178,16
Dez	176,13
Jan/2012	179,45
Fev	175,51
Mar	180,37
Abr	164,44
Mai	175,14

Fonte: IBGE

Neste ano, os números do mesmo IBGE e do Sistema Fieg mostram crescimento acumulado de 12,4% para a produção realizada pela indústria goiana, frente a perda de 3,4% para a indústria brasileira como um todo, e avanço de 3,25% para as vendas industriais no Estado. A arrecadação de ICMS da indústria geral, incluindo os setores de extração mineral, construção e transformação, avançou de R\$ 1,007 bilhão no acumulado entre janeiro e maio de 2011 para R\$ 1,180 bilhão neste ano, crescendo 17,3%. A arrecadação aumentou quase 19% quando considerada apenas a indústria de transformação, que respondeu por 26,62% da receita, segundo a Secretaria da Fazenda (Sefaz-GO).

GRÃOS, MINÉRIOS E MEDICAMENTOS

A maior participação das commodities agrícolas e minerais na economia e na pauta de exportações e o crescimento do setor farmacêutico contribuem para explicar o destaque alcançado pelo Estado e por sua indústria desde o ano passado, de acordo com o diretor-secretário da Fieg, Marley Antônio da Rocha, membro também da comissão de assuntos tributários da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

As estimativas apontam, de acordo com o dirigente, crescimento entre 4% a 4,5% para o PIB goiano em 2012, diante de taxa em torno de 2% a 2,5% para o País como um todo. Embora questões conjunturais também mereçam resposta, afirma Rocha, a principal preocupação do setor é que “não se percebe qualquer ação do governo



Marley Rocha: governo não se move para enfrentar problemas estruturais

federal para enfrentar nossos problemas estruturais, como a alta carga tributária, a infraestrutura logística deficitária e o baixo nível da educação. São esses que sufocam a indústria.”

Intenção de investimentos em Goiás>>

(Investimentos e número de projetos por atividades industriais e de serviços – 2012/ 2015)

Atividades	Valor (em mil reais)	Participação (%)	Projetos
Sucroenergética	9.430.167	35,1	22
Transporte e Logística	3.909.667	14,6	16
Indústria Metalmeccânica	3.475.953	13,0	28
Atividade Mineral e Beneficiamento	2.747.098	10,2	21
Indústria de Alimentos e Bebidas	1.770.123	6,6	137
Outras Atividades Industriais	1.574.504	5,9	170
Serviços	870.112	3,2	102
Produtos higiene, beleza e limpeza	866.734	3,2	26
Geração de Energia	561.083	2,1	7
Comércio Atacadista e Varejista	539.492	2,0	108
Biodiesel	482.672	1,8	10
Indústria Química/Farmacêutica	415.957	1,6	31
Indústria de Plásticos/Embalagens	106.732	0,4	30
Indústria de minerais não-metálicos	36.740	0,1	22
Indústria de Reciclagem	23.701	0,1	15
Indústria de Insumos Agropecuários	20.078	0,1	8
Total	26.830.811	100,0	753

Fonte: Goiás Fomento/SIC/Segplan-GO/FCO/Jornais Diversos
Elaboração: Segplan/Sepin
Dados Preliminares sujeitos a retificação. Coletados até 30/03/2012

NO RITMO DOS INVESTIMENTOS

A mais recente pesquisa de intenção de investimentos desenvolvida pelo Instituto Mauro Borges identificou a perspectiva de aplicação, no Estado, entre 2012 e 2015, de pouco mais do que R\$ 26,8 bilhões, dos quais 72,9% deverão se concentrar nos setores de cana e etanol, transporte e logística, montagem de veículos e extração e beneficiamento de minérios. Segundo Júlio Alfredo Rosa Paschoal, superintendente do Produzir/Fomentar, os dois programas haviam aprovado, até maio deste ano, 26 projetos, com investimentos fixos previstos em R\$ 710,424 milhões, créditos fiscais de R\$ 3,282 bilhões e a previsão de abertura de 2.891 empregos diretos.

Também entre janeiro e maio, a Agência de Fomento contratou 18 projetos, que embutem compromisso de criar 3.383 empregos, com investimentos de R\$ 329,183 milhões, em tro-

ca de benefícios que poderão atingir R\$ 2,297 bilhões nos próximos 20 anos. “As áreas mineral, farmacêutica e automobilística têm demonstrado forte intenção de investir. Entre os projetos registrados no Produzir/Fomentar e FCO (Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste), já temos em torno de R\$ 6 bilhões em investimentos novos, o que é mais ou menos o mesmo valor registrado no mesmo período de 2011. Vamos atingir R\$ 10 bilhões em investimentos novamente neste ano”, aponta Paschoal.



Júlio Paschoal:
investimentos devem
repetir os R\$ 10 bilhões
de 2011

O FIM DO “TORNIQUETE”

As dificuldades que emperravam os investimentos da Celg, parcialmente contornadas, continuam afetando as previsões das empresas associadas ao Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica no Estado de Goiás (Sindicel). “Nossa expectativa é pífia”, avalia Célio Eustáquio de Moura, presidente do Sindicel. A crise na Celg impôs ao setor uma série de ajustes, funcionando como um “tornequeto” contra as possibilidades de crescimento da indústria, e as atenções estão desde já voltadas para 2013, quando se espera normalização nos investimentos da companhia.

Criado há três anos, mas autorizado pelo Ministério do Trabalho há quase um ano, o Sindicel reúne 30 empresas, entre quase uma centena de indústrias que operam nos ramos de automação, produção de isoladores, postes, cabos, relés e transformadores, entre outros equipamentos para redes e subestações, empregando perto de 4 mil pessoas.

O setor, afirma Eustáquio, tem sido obrigada a operar com margens mais estreitas neste ano. “A economia continua relativamente aquecida. Mas as perspectivas só devem se tornar mais claras em 2013”, sintetiza.

SINDQUÍMICA APONTA ESTABILIZAÇÃO

Os bons resultados anotados pelo grupo das indústrias de produtos químicos, que em conjunto acumulam crescimento de 53,3% na produção, segundo dados do IBGE, não têm sido distribuídos com a mesma generosidade para todos os segmentos da atividade. Na verdade, analisa Jaime Canedo, presidente do Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás (Sindquímica), para uma parte relativamente importante delas, o primeiro semestre foi marcado pela estabilidade.

“O cenário econômico não causa grande preocupação, mas não acredito que tenha ocorrido crescimento neste primeiro semestre”, indica o empresário. O segmento a que Canedo se refere reúne empresas de cosméticos, saneantes, adubos e fertilizantes, tintas e vernizes e produção de gases, somando 350 indústrias com um total de 8 mil empregados. Isso significa que o crescimento retratado pelos números estaria concentrado no setor farmacêutico, que tem recebido investimentos, incluindo a transferência de linhas inteiras de produção de outros centros para Goiás.

O segundo semestre, diz ele, também não parece estimular previsões muito otimistas, diante do cenário geral de desaceleração. “A sinalização é de recuperação em relação ao primeiro semestre, quando costuma circular mais dinheiro e, neste ano, teremos eleições municipais. Mas acredito que as empresas que conseguem preservar seus resultados deverão dar graças a Deus”, acentua Canedo.



Jaime Canedo: setor
espera preservar resultados
alcançados no ano passado

QUALIFICAÇÃO EM DOBRO

Senai Goiás se prepara para investir R\$ 85 milhões, até 2014, na expansão de sua rede de ensino para quase dobrar número de matrículas

Andelaide Lima

Com a meta de atingir, em dois anos, 200 mil matrículas anuais, quase o dobro do que foi alcançado em 2010 (113,516) e 61,9% superior a 2011 (123,511 matrículas), o Senai Goiás vai ampliar sua rede de ensino, incrementar ações de educação profissional, além de ampliar o portfólio de serviços nas áreas de tecnologia e inovação com a implantação de quatro institutos.

As novidades integram o Programa Senai de Apoio à Competitividade da Indústria Brasileira, da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e do Senai Nacional, uma resposta do Sistema à grande demanda por mão de obra nos diversos

setores produtivos, que prevê a aplicação de R\$ 3 bilhões na modernização de todas as unidades da instituição espalhadas pelo País.

Metade dos recursos sairá de empréstimo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES) e a maior parte do investimento será concentrada nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, devido à melhor distribuição territorial da indústria no Brasil. Uma das diretrizes do programa é a formação de profissionais em quantidade suficiente para atender às necessidades específicas das indústrias, além do aumento significativo da oferta de serviços técnicos e tecnológicos especializados, com produtos de maior complexidade e valor agregado.

DESAFIO DA CAPACITAÇÃO



Em Goiás, o programa foi lançado no dia 31 de maio, na Escola Senai Vila Canaã, em Goiânia, e já mobiliza toda a rede de ensino no Estado. Na solenidade, que reuniu empresários, políticos e autoridades, o diretor regional do Senai, Paulo Vargas, disse que o principal objetivo da iniciativa é fortalecer e contribuir com o desenvolvimento socioeconômico do Estado, por meio da

“Não há como a indústria crescer sem profissionais qualificados. Nosso desafio é ampliar a área de atuação da instituição e investir na modernização das unidades para dobrar a capacidade de atendimento”

Paulo Vargas, diretor regional do Senai Goiás

formação de mão de obra qualificada e da oferta cada vez maior de soluções tecnológicas para o segmento industrial.

“Não há como a indústria crescer sem profissionais qualificados. Nosso desafio é ampliar a área de atuação da instituição e investir na modernização das unidades para dobrar a capacidade de atendimento”, explicou.

Para o projeto de expansão de sua rede de ensino, o Senai Goiás irá aplicar recursos na área de mecânica agrícola e adquirir mais quatro unidades móveis (oficinas autotransportáveis), nas áreas de alimentos e bebidas, manutenção industrial, manutenção de máquinas pesadas e de solda. O objetivo é atender de perto às demandas diversificadas dos grandes empreendimentos que se instalam em diferentes regiões do Estado e dinamizar as ações de formação profissional desenvolvidas em parceria com empresas, sindicatos, associações e prefeituras.



TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E LOGÍSTICA

O programa de apoio à competitividade da indústria prevê ainda a criação em Goiás de Institutos Senai de Tecnologia (IST) nas áreas de alimentos, automação e química industrial, além do Instituto Senai de Inovação, com foco em logística. Essas unidades serão aliadas das empresas no desenvolvimento integrado de produtos e processos, pesquisa aplicada, solução de problemas complexos e antecipação de tendências tecnológicas. Os institutos também formarão profissionais para gerar conhecimento e desenvolver tecnologias que atendam às demandas das indústrias.

Referência em formação de profissionais para o setor de alimentos e parceira das indústrias no desenvolvimento de produtos inovadores

para o mercado, a Escola Senai Vila Canaã abrigará o Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos, que ampliará a atuação da unidade no desenvolvimento de pesquisa aplicada. Na Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, em Goiânia, será implantado um instituto na área de automação. Atualmente, a unidade realiza para o segmento o curso técnico em mecatrônica e a graduação tecnológica em automação industrial, além de várias atividades de curta e média duração.

Com a criação do instituto, as indústrias passam a contar com serviços técnicos e tecnológicos para solucionar problemas identificados nos processos de fabricação, aumentando a eficiência, produtividade e redução de perdas e custos.

ÁREAS TRANSVERSAIS

Com foco em logística, o Instituto Senai de Inovação será implantado na Faculdade de Tecnologia Senai de Desenvolvimento Gerencial, no Setor Universitário. Especializada em áreas de conhecimentos transversais, que permeiam todo o processo produtivo, a unidade irá atuar com planejamento, engenharia de fornecimento, logística de produção e de manutenção, além de análise ambiental e de transporte, projetos de portos e aeroportos. O instituto de inovação manterá parceria com os institutos de tecnologia Fraunhofer, da Alemanha, e o de Massachusetts (MIT), dos Estados Unidos. Unidade pioneira do Senai em Goiás, a atual Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, em Anápolis, terá um instituto na área de

química, que irá prestar serviços laboratoriais, apoiar o desenvolvimento de pesquisa aplicada, com oferta de soluções tecnológicas para as indústrias de medicamentos, sucroalcooleira, química e alimentícia.

As estratégias para aumentar a capacidade de formação profissional incluem ainda a ampliação das atividades realizadas por meio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), do governo federal. As ações do Pronatec estão em andamento em unidades operacionais da instituição nas cidades de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Rio Verde, Itumbiara, Catalão, Mineiros, Quirinópolis, Niquelândia, Minaçu e Barro Alto.

FATIA®

8ª Feira de Fornecedores e Atualização Tecnológica da Indústria de Alimentação

16 a 19 - Outubro 2012

Local: Centro de Convenções - Goiânia-GO Horário: 14h às 21h

Novas tecnologias e bons negócios no maior evento da indústria de alimentação do Centro-Oeste.



Dados da última edição:

180 expositores

+24 mil visitantes de todos os estados e **13** países diferentes

12 mil m² de área de exposição

Eventos Simultâneos:

SUCROESTE

2ª Mostra Sucroenergética da Região Centro-Oeste

Oportunidades de negócios para toda a cadeia de fornecedores de tecnologia, equipamentos e serviços do setor sucroenergético.

Grande Rodada de Negócios

EXPOLACO
Exposição de Produtos Lácteos do Centro-Oeste

Faça parte desse sucesso em 2012, reserve já seu espaço!
Contato comercial: 16 2132.8936 / comercial@ffatia.com.br

Realização

Coordenação Técnica

Apoio

Promocão e Comercialização



INICIATIVA RECEBE ELOGIOS

Com a economia impulsionada pela chegada de usinas sucroalcooleiras, a cidade de Quirinópolis, no Sudoeste do Estado, sofre com a escassez de mão de obra qualificada para atender à demanda das indústrias. Durante o lançamento do Programa Senai de Apoio à Competitividade, o prefeito Gilmar Alves destacou que os investimentos aplicados em formação profissional, principalmente nas áreas de mecânica agrícola e de manutenção de máquinas pesadas, serão fundamentais para geração de emprego e renda na região.

“A construção da Unidade integrada Sesi Senai Quirinópolis contribuiu com o crescimento da economia, mas ainda precisamos de muita mão de obra qualificada para assumir as vagas de trabalho que estão surgindo com a implantação do polo industrial, formado por 86 empresas. A população precisa estar preparada para lidar com equipamentos de ponta e novas tecnologias”, observou.

Diretor financeiro da Isoeste, empresa de Anápolis ligada ao setor de construção civil, Amélio Benedetti disse que o programa vai ajudar a formar o profissional que a indústria requer. “Precisamos de mais jovens com formação técnica e que estejam aptos a operar máquinas de última geração. O Senai é referência em ensino de qualidade, o ideal seria que tivesse uma unidade da instituição em cada cidade e que o governo adotasse seu modelo de ensino. Só a educação profissional é capaz de solucionar o problema da má distribuição de renda no País”, ressaltou. Representando o governador Marconi Perillo, o secretário de Estado da Casa Civil, Wilmar Rocha, falou sobre a importância da atuação do Senai em prol do desenvolvimento de Goiás. “Só temos de reconhecer e aplaudir mais essa iniciativa da instituição em qualificar mais profissionais para o parque industrial goiano. O Senai sempre foi fator de atração para as indústrias que se instalaram no Estado e buscaram a parceria da instituição na formação de seus recursos humanos”, observou.



“O Senai sempre foi fator de atração para as indústrias que se instalaram no Estado e buscaram a parceria da instituição na formação de seus recursos humanos”

Wilmar Rocha, secretário de Estado da Casa Civil



Amélio Benedetti, da Isoeste: o programa vai ajudar a formar o profissional que a indústria requer



Gilmar Alves, prefeito de Quirinópolis: investimentos serão fundamentais para geração de emprego e renda no município



O novo Clube Antônio Ferreira Pacheco: mais recursos e mais conforto à disposição dos trabalhadores da indústria

DE VOLTA AO PÚBLICO

Revitalizado, Clube Ferreira Pacheco sedia Jogos Nacionais e melhora atendimento depois de receber investimentos superiores a R\$ 12 milhões

Edilaine Pazini

Mostrado para todo o País, ao sediar os Jogos Nacionais do Sesi, pela primeira vez em Goiânia, o Clube Antônio Ferreira Pacheco, no Setor Santa Geneveva, concluiu em junho ampla e completa reforma, a maior desde sua construção, em 1968. A revitalização, que durou um ano e custou mais de R\$ 12 milhões – viabilizada com apoio financeiro do Departamento Nacional do Sesi –, transformou todo o complexo

esportivo e de lazer, reaberto ao público logo após a competição, que reuniu na capital cerca de mil trabalhadores-atletas de 247 indústrias, oriundos de 27 Estados.

Principal símbolo do atendimento prestado pelo Sistema Fieg aos colaboradores da indústria em Goiás, o clube Sesi incorporou melhorias que beneficiam diretamente os trabalhadores do setor em Goiânia, que já somam perto de 100 mil pessoas, segundo dados de 2010 da Rais (Relação Anual de Informações Sociais).

Segundo o gerente do Ferreira Pacheco, Richardson Marques, atualmente, a unidade recebe cerca de 40 mil visitas por mês, entre alunos, atletas e usuários das áreas de lazer. “A expectativa da instituição é de ampliar em até 30% o número de frequentadores com as melhorias implantadas”, prevê Marques.

“A revitalização do clube oferece aos trabalhadores goianos uma unidade de lazer ainda mais moderna e com melhor estrutura”, disse o superintendente do Sesi Goiás, Paulo Vargas. Já o presidente da Fieg e também diretor regional do Sesi, Pedro Alves, citou a prioridade da atual gestão, focada no trabalhador da indústria e em seus dependentes, que agora podem desfrutar de um clube mais bem equipado e moderno.

Ele ainda lembrou um pouco da história do tradicional Clube Sesi, construído no fim da década de 60. “Sua construção e inauguração demandaram 16 anos de trabalho obstinado, num tempo em que a escassez de recursos era uma das principais referências da instituição representativa da nascente indústria goiana”, disse.

ESTRUTURA MOTIVA TRABALHADORES À PRÁTICA ESPORTIVA

A apresentação oficial das novas instalações do Clube Sesi reuniu, no dia 2 de junho, cerca de 900 industriários, em meio à mobilização de todo o Sistema Fieg para a realização dos Jogos Nacionais do Sesi. O evento contou ainda com a presença de representantes das entidades que compõem o Sistema Fieg e presidentes de sindicatos.

Para a assistente de RH da HalexIstar, Danila dos Santos Tiago, contar com uma estrutura como a do Clube Antônio Ferreira Pacheco motiva cada vez mais o trabalhador à prática esportiva. Ela destacou o apoio e investimentos feitos pelo Sesi na categoria.

Danila, que joga no time de voleibol feminino da HalexIstar e disputou os Jogos do Sesi, afir-

AS NOVAS ATRAÇÕES DO COMPLEXO

Com área física de mais de 135 mil metros quadrados, o complexo ganhou novas coberturas e novos pisos, instalações de iluminação e de som, além de painéis eletrônicos. Entre as novidades, estão o campo de paintball, três campos de futebol soçaite com grama sintética e um campo de grama com arquibancada coberta para abrigar 1,5 mil pessoas. A reforma incluiu a troca do piso das quatro quadras poliesportivas destinadas a jogos de basquete, handebol, futsal e vôlei.

A modernização contemplou, ainda, a reestruturação das duas quadras de tênis de campo, que receberam piso de lisonda, composto de base asfáltica e revestimento acrílico de alta durabilidade para proporcionar quadras mais rápidas. As duas quadras para vôlei de praia ganharam novas arquibancadas e areia.

Cartão de visita do clube, três piscinas – uma olímpica, uma semiolímpica e outra de saltos ornamentais – garantem alternativas para quem busca lazer e prática esportiva. Trinta e cinco churrasqueiras com água e energia elétrica foram instaladas à beira do lago. O novo centro de eventos com 2 mil m² oferece área de alimentação e espaço para 1,5 mil pessoas, ginásio e alojamento para 244 pessoas.



Daniela dos Santos Tiago (centro), da HalexIstar: “Investir em esporte é investir em educação e melhoria de vida”

mou que a melhoria no atendimento aos trabalhadores e seus familiares ratifica o compromisso da instituição em levar mais qualidade de vida às indústrias do setor. “Investir em esporte é investir em educação e melhoria de vida, e é isso que faz toda a diferença.”

Um dos cerca de 900 trabalhadores que conheceram em primeira mão as melhorias do Ferreira Pacheco, Leonardo Teixeira de Oliveira,



embalador na empresa Empadão Goiano há sete anos, ficou muito entusiasmado com o que viu, em sua primeira visita ao local. “Quero vir mais vezes e trazer minha família para desfrutar desse espaço tão aconchegante que é o Ferreira Pacheco”, ressaltou Teixeira, casado e pai de três filhos.

“O trabalhador de Goiânia ganha muito em ter um espaço revitalizado como o Ferreira Pacheco, que oferece uma estrutura completa de esporte e lazer, promovendo saúde e bem-estar ao colaborador e sua família”, afirmou a analista de comunicação da Terral, Carolina Paraguassú Dayer. Segundo ela, existe grande expectativa dos colaboradores da Terral para o torneio de futebol deste ano da empresa. “Vamos manter a competição no Sesi, mas teremos tudo novo: campo sintético, vestiários e a arquibancada para os familiares e os colegas”, disse.

“Esse é meu primeiro encontro com a estrutura de Goiânia e é legal ver não só a estrutura física, das quadras, das piscinas, mas da beleza natural desse clube”

Giovane Farinazzo Gávio, ex-jogador de voleibol

BELEZA NATURAL

Parainfo da 8ª Edição dos Jogos Nacionais do Sesi, o ex-jogador de voleibol Giovane Farinazzo Gávio, atualmente técnico da equipe de vôlei do Sesi de São Paulo, elogiou a estrutura física do local das provas e parabenizou os empresários pelo apoio ao esporte. “Sem dúvida, o Ferreira Pacheco está muito bacana, realmente visando ao conforto dos atletas. Esse é meu primeiro encontro com a estrutura de Goiânia e é legal ver não só a estrutura física, das quadras, das piscinas, mas da bele-

za natural desse clube, que tem árvores, lago, e isso é muito bom porque você se sente mais à vontade”, disse.

Giovane destacou a prioridade do Sesi, de promover vida melhor aos trabalhadores. “Sei que não são atletas profissionais, como eu fui. Mas são pessoas que são apaixonadas pelo esporte, mesmo tendo uma rotina difícil no dia a dia e acabam arrumando um tempinho para praticar, não só como qualidade de vida, como pelo prazer de competir”, afirmou.

Com a palavra...

>> “Gostei muito da revitalização. Nem dá para distinguir o que ficou melhor, os ginásios ou o parque aquático, mas confesso que minha área preferida é a das churrasqueiras, cada qual com água, energia e pia de mármore. É impressionante como o Sesi pensou em tudo, nos mínimos detalhes, estou muito feliz por poder contar com uma estrutura dessa.”

Francisco Sousa, chefe de seção dos Correios

>> “Investir em esporte é investir em educação e melhoria de vida, e é isso que faz toda a diferença. Quero agradecer a toda a organização e diretoria do Sesi, por todo o apoio e investimento feito em nós, atletas-trabalhadores.”

Danila dos Santos Tiago, assistente de RH da HalexIstar



“Achei lindo. Vou aproveitar muito a estrutura e trazer minha família para fazer churrasco.”

Dalziza Gomes dos Santos, costureira da MC Indústria e Comércio



“O Ferreira Pacheco está bem melhor. O investimento valeu à pena.”

Lucélia Paulo da Silva (esquerda),
auxiliar de produção da Zuppani



>> “Não conhecia o clube e me senti privilegiada por ter sido convidada a estar aqui hoje. Pretendo passar a vir sempre.”

Ravila Nunes, auxiliar administrativa da Geolab, de Anápolis

>> “O clube ficou muito bonito. Mais uma oportunidade de lazer para os trabalhadores da indústria.”

Cássia Oliveira, auxiliar de produção da Zuppani



“O clube mudou muito. Eu não tinha o costume de vir, mas agora vou passar a vir todos os finais de semana que eu puder.”

Benício Cardoso,
pedreiro da Engefort

“A nova estrutura do Sesi Clube Antônio Ferreira Pacheco, veio de encontro com a modernização, atendendo melhor aos trabalhadores e a comunidade como forma de lazer e opção para a família e o retorno será a satisfação do trabalhador que poderá usufruir de um ambiente agradável e revitalizado.”

Aline Cândida Magela,
Coordenadora de Recursos Humanos da Eternit

FICOU QUASE TUDO PARA O FUTURO

Governos terão até 2014 ou 2015 para chegar a um acordo, segundo documento final da Conferência da ONU para o Desenvolvimento Sustentável

Distribuído em 49 páginas, seis capítulos e 283 itens, o documento final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio + 20), sob o pomposo título O Futuro que Queremos, deixou no ar um misto de frustração e esperança. Frustração porque, diante das urgências ambientais e sociais do planeta, esperava-se mais, como a aprovação de metas concretas para a redução de emissões e a definição de verbas para isso, além de formas para transferir tecnologias mais limpas aos países que não as detêm. E esperança porque, pelo menos, fixou-se um prazo entre 2014 e 2015 para que os governos se acertem em relação a esses temas, formalizando o tão esperado acordo que poderá empurrar o mundo rumo à

sustentabilidade.

Realizada no Rio de Janeiro entre 13 e 22 de junho, a conferência mostrou governos mais preocupados com questões econômicas, que explicam por que não se conseguiu avançar como se esperava. A fixação de metas reais e a definição de recursos para preservação, desenvolvimento e transferência de tecnologias ambientalmente desejáveis esbarraram, entre outros fatores, no fato inescapável de que 80% das patentes mundiais estão, atualmente, em mãos de meia dúzia de nações, sob domínio exclusivo de algumas poucas corporações transnacionais.

Enquanto os líderes globais produziam um documento desidratado, a Rio + 20 registrava 705 compromissos firmados voluntariamente por

empresas e organizações do mundo corporativo, dos quais apenas 13 poderão representar investimentos de US\$ 513 bilhões nos próximos 10 a 15 anos na área da sustentabilidade. Num relatório entregue durante a conferência à ministra do Meio Ambiente, Izabela Teixeira, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostrou que o setor industrial reduziu o impacto ambiental causado pela atividade nas últimas duas décadas, com corte de emissões em vários setores a partir de disseminação da reciclagem, da aplicação de insumos renováveis e do reuso da água.

“MUITO A FAZER”

O documento final da Rio + 20, na avaliação do presidente do Conselho Temático de Meio Ambiente da Fieg, Henrique Morg de Andrade, ficou aquém do esperado e não refletiu a “grande preocupação do setor industrial com a preservação ambiental e a inclusão social”. Para ele, a indústria tem feito sua parte, como demonstra o reconhecimento internacional já obtido pelo setor, “mas ainda há muito a fazer”. O empresário participou do Encontro da Indústria para a Sustentabilidade, realizado entre 15 e 21 de junho, paralelamente à Rio + 20.

Para continuar avançando, prossegue Morg, a indústria espera maior apoio dos governos, especialmente no que diz respeito aos processos de licenciamento ambiental, ainda travados pelo excesso de burocracia, pela demora em sua análise e deliberação e por exigências muitas vezes extemporâneas e redundantes, reclama.

A lentidão dos órgãos ambientais, declara Morg, tem provocado a paralisação de projetos, destacadamente na área de infraestrutura, e estimulado a clandestinidade, no caso, por exemplo, da indústria de cerâmica, área de atuação do empresário. “O poder público não consegue liberar o licenciamento e também não consegue fiscalizar. E isso ocorre no Brasil todo”, acrescenta, lembrando que a Lei Complementar 140, de 8 de dezembro do ano passado, co-

O PLANO DA INDÚSTRIA

A indústria e o governo decidiram criar comissão técnica com poderes para implantar e monitorar o Plano Indústria, que estabelece como meta a redução de 5% das emissões de gases de efeito estufa do setor em 2020 (324 milhões de toneladas de CO₂ equivalente). A instalação da comissão foi oficializada no dia 29 de junho, em São Paulo, por representantes do governo, em reunião da Rede Clima, fórum coordenado pela CNI, com a participação de dirigentes industriais, para debater a preservação ambiental.



“O poder público não consegue liberar o licenciamento e também não consegue fiscalizar”

Henrique Morg de Andrade, presidente do Conselho Temático de Meio Ambiente da Fieg

meça a modificar esse quadro.

Aquela lei, que definiu instrumentos para a cooperação entre União, Estados, municípios e Distrito Federal nas ações de proteção ambiental e de combate à poluição em todas suas formas em áreas de competência comum, regulou os prazos para a concessão do licenciamento e determinou que a apresentação de exigências complementares pelo órgão ambiental deverá ser feita de uma única vez ao empreendedor.



Tatiana Jucá: "ICQ Brasil está habilitado para certificar indústrias que entenderam seu papel no contexto do desenvolvimento sustentável"

"LONGE DO DESEJÁVEL"

Desde a criação do Conselho Temático de Responsabilidade Social (Cores) pela Fieg, no começo da década passada, o conceito de sustentabilidade e as práticas de produção mais limpa passaram a ser incorporadas de forma crescente ao processo produtivo pelas indústrias goianas, afirma o empresário Antônio de Sousa Almeida, presidente do Cores, um dos representantes da indústria goiana na Rio + 20. "Essa preocupação tornou-se ainda real nos últimos dois anos, pois avança o entendimento segundo o qual agregar sustentabilidade e responsabilidade social ao negócio valoriza a marca da empresa e permite ganhar mercados", observa Almeida.

Numa avaliação da conferência global ocorrida no Rio, o empresário lembra os avanços ocorridos desde a Rio-92, mas destaca que a aplicação real de métodos sustentáveis por governos e empresas "ainda está longe do desejável". Numa crítica às delegações estrangeiras que participaram do evento, Almeida dispara: "Todas chegaram cheias de boas intenções, demonstrando grande preocupação com o desmatamento de nossas florestas, mas não se ouviu uma palavra sobre o reflorestamento nos seus países de origem".

SUSTENTABILIDADE E O CAMINHO DA CERTIFICAÇÃO

"A Rio +20 foi um evento para discussão e alinhamento de estratégias e espera-se que possa ser um divisor de águas para o desenvolvimento do País", avalia Tatiana Jucá, superintendente do Instituto de Certificação Qualidade Brasil (ICQ Brasil), organismo com mais de 2 mil corporações certificadas em sua carteira. Em sua visão, o uso do arsenal de ferramentas de gestão desenvolvidas pela International Organization for Standardization (ISO) e aplicadas aos setores ambiental e social pode contribuir de forma decisiva para que a indústria assuma um papel de protagonista na busca de caminhos para conciliar as demandas do crescimento com preservação dos recursos naturais e inclusão socioeconômica.

"As indústrias no Brasil têm papel importantíssimo para o alcance do desenvolvimento sustentável", afirma Tatiana. Nesse sentido, continua a superintendente, "a melhor maneira de atuarmos em prol da sustentabilidade será recorrendo a ferramentas que permitam gerenciar todos os aspectos e impactos gerados pela atividade econômica". Segundo ela, a ISO criou várias normas de padrão internacional com foco precisamente na sustentabilidade, demonstrando, por meio de exemplos práticos, "que é possível alcançar uma forma de sociedade em que todos ganham".

Acreditado pelo Inmetro, o ICQ Brasil, aponta Tatiana, está habilitado "para certificar indústrias que entenderam seu papel no contexto do desenvolvimento sustentável". Afinal, acrescenta ainda, uma empresa social e ambientalmente equilibrada agrega a seu negócio vantagem competitiva, saindo na frente de seus concorrentes, "porque passa a ter visão mais integrada e sistêmica de toda sua operação, capacitando-se a contemplar necessidades e interesses de todos os setores interessados (stakeholders) e a atender uma demanda ambiental latente".



Em ação: solenidade de lançamento oficial do fórum reuniu autoridades e lotou auditório do Teatro Sesi

O PRIMEIRO FÓRUM DO PAÍS

Numa iniciativa inédita, empresários, associações e governo unem-se para promover a inclusão socioeconômica de pessoas com deficiência em Goiás

Instalado na Casa da Indústria, sede da Fieg, o Fórum Goiano de Inclusão no Mercado de Trabalho das Pessoas com Deficiência e dos Reabilitados pelo INSS (Fimtpoder) já se lançou ao trabalho logo nas primeiras horas após seu lançamento oficial, realizado no dia 25 de junho, no Teatro Sesi. O fórum pretende responder ao desafio de mobilizar e conscientizar empresas, entidades públicas e privadas, órgãos do governo e a sociedade civil organizada, qualificar e encontrar colocação profissional para pessoas com deficiência, que enfrentavam, em Goiás, taxa de desemprego da ordem de 38,5% até 2011, segundo pesquisa realizada pela i.Social – consultoria que trabalha exatamente com foco na inclusão social e econômica de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

No seu formato atual, o fórum estadual começou a ser idealizado durante reunião que ocor-



Marçal Soares: trabalho começa com convênio para o desenvolvimento de projetos e busca de recursos

OFERTA DE SOBRA

Tomando dados brutos da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), em 2010, Goiás registrava 1.165 empresas com mais de 100 funcionários, num total de 714,27 mil empregados. Considerando-se o sistema de cotas para pessoas com deficiência, regulamentado pelo decreto 3.298, de 1999, essas empresas poderiam abrir 30,3 mil vagas, representando 4,2% dos empregos registrados naquele ano.

Praticamente 75% dessas vagas se encontravam em empresas com mais de 1.001 funcionários, que são obrigadas a reservar 5% das colocações para pessoas com algum tipo de deficiência. A indústria de transformação e a construção, pela ordem, respondiam por 25,2% e 46,6% da oferta potencial, somando 71,8% do total, ou 21,757 mil vagas.

“O Ministério Público do Trabalho será incisivo e dispõe de todos os poderes para isso”

Janilda Guimarães de Lima, procuradora-chefe substituta do Ministério Público do Trabalho



reu em março do ano passado, em Anápolis, com a participação do presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas do Estado de Goiás (Sindifargo), Marçal Henrique Soares, hoje coordenador geral do fórum, além de gestores de recursos humanos das indústrias farmacêuticas, representantes do governo federal, de associações e entidades que representam as pessoas com deficiência.

Com participação de 23 instituições, incluindo o Conselho Temático de Responsabilidade Social da Fieg, o fórum atuará em todo o Estado e terá ainda o objetivo de mapear a demanda por mão de obra entre empresas sujeitas a cotas, que deverão ser preenchidas por força de lei por pessoas com deficiência ou reabilitadas, e a oferta de pessoal, fazendo a articulação entre o setor privado, as associações e entidades envolvidas na questão, além de apoiar as empresas para receber os novos funcionários, adequando suas instalações.

PROCURADORA FAZ ALERTA AOS EMPRESÁRIOS

A iniciativa de criação do fórum, inédita no País, deverá apresentar em breve os primeiros resultados concretos, estima seu coordenador geral, Marçal Henrique Soares. Um convênio em fase de elaboração com a UniEvangélica permitirá o desenvolvimento de projetos, que serão executados pelas entidades participantes do fórum, e a identificação de verbas federais destinadas a ações de inclusão socioeconômica de pessoas com deficiência, de acordo com Soares.

A vice-coordenadora do fórum e procuradora-chefe substituta do Ministério Público do Trabalho, Janilda Guimarães de Lima, acrescenta que o trabalho deverá envolver o debate e a formatação de políticas públicas para mudar o cenário de exclusão dos deficientes. Depois de

qualificar essas pessoas, o passo seguinte será buscar sua colocação no mercado de trabalho, conforme disposto em lei, com sua aplicação rigorosa em caso de resistência das empresas. “O Ministério Público do Trabalho será incisivo e dispõe de todos os poderes para isso”, alerta a procuradora. Janilda lembra que a fiscalização desenvolvida pela Superintendência Regional do Trabalho permitiu a colocação de 827 pessoas com deficiência apenas nos primeiros meses deste ano. Nos 12 meses do ano passado, outras 1.211 pessoas nas mesmas condições haviam conseguido emprego. Presente à solenidade de lançamento oficial do fórum, o secretário Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Antonio José Ferreira, defendeu a disseminação da iniciativa para os demais Estados. “Notícia boa tem de ser espalhada e copiada”, acrescentou.

Os objetivos do fórum>>

- Sensibilizar as empresas para os aspectos legais, sociais e econômicos da empregabilidade das pessoas com deficiências e/ou reabilitadas;

- Sensibilizar a pessoa com deficiências e/ou reabilitada e sua família para as vantagens, oportunidades e requisitos de inserção no mercado de trabalho;

- Promover a capacitação das pessoas com deficiências e/ou reabilitadas para acesso ao mercado;

- Apoiar as empresas na preparação para a empregabilidade das pessoas com deficiências e/ou reabilitadas;

- Divulgar ofertas de vagas para pessoa com deficiências e/ou reabilitadas no mercado de trabalho;

- Divulgar a procura de emprego pela pessoa com deficiências e/ou reabilitadas;

- Disseminar experiências de sucesso nas empresas e associações;

- Promover a cooperação entre empresas, governo e organizações que trabalham com pessoas com deficiências e/ou reabilitadas;

- Apoiar as empresas no cumprimento da obrigação legal (Lei 8.213/91 e Decreto 3.298/99)

FRICÇÃO E DESENCONTROS

Até o momento, empresas e deficientes parecem falar línguas diferentes, situação que o fórum pretende corrigir. Para os empresários, não haveria pessoal qualificado para ocupar as vagas disponíveis. Na visão das pessoas com deficiência, no entanto, não só os cargos oferecidos não correspondem a sua qualificação, como a remuneração prometida está muito abaixo da pretendida. Realizada entre janeiro e fevereiro deste ano pela i.Social, a pesquisa Pessoas com Deficiência: Expectativas e Percepções sobre o Mercado de Trabalho mostrou que 53% tinham formação superior, em comparação com os 49% apontados na edição de 2011 do mesmo trabalho. Mas a inserção no mercado de trabalho encolheu, com aumento do percentual de desempregados de 29,1% para 38,5%. As principais barreiras identificadas pela pesquisa foram oportunidades ruins, foco exclusivo no cumprimento de cota e poucas ofertas de colocação.

Organizações, entidades e empresas parceiras>>

- Federação das Indústrias do Estado de Goiás
- Conselho Temático de Responsabilidade Social da Fieg
- Sindicato das Indústrias Farmacêuticas de Goiás
- Secretaria de Cidadania e Trabalho de Goiás
- Ministério Público do Trabalho
- Associação dos Deficientes Físicos do Estado de Goiás (Adfego)
- Associação das Mulheres Deficientes Auditivas e Visuais de Goiás (Amdas/GO)
- Serviço Brasileiro de Apoio às Empresas (Sebrae Goiás)
- Ministério Público do Estado de Goiás
- Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)
- Associação Brasileira de Recursos Humanos de Goiás (ABRH-GO)
- Federação das Apae de Goiás
- Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae Goiânia)
- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai Goiás)
- Serviço Social da Indústria (Sesi Goiás)
- Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás)
- Associação de Deficientes Visuais do Estado de Goiás (Adveg)
- Associação de Surdos de Goiânia (ASG)
- Associação Pestalozzi de Goiânia
- Associação dos Deficientes de Anápolis (ADA)
- Superintendência Regional do Trabalho e Emprego de Goiás (SRTE/GO)
- Secretaria de Educação do Estado de Goiás
- Federação das Associações Pestalozzi do Estado de Goiás (Faspego)

SUANDO A CAMISA

A goiana Super Bolla espera mais que dobrar o crescimento anual e planeja investir em nova fábrica, com capacidade para triplicar a produção

Depois de meses de pesquisas e viagens ao exterior para identificação das tendências mais inovadoras no mercado de produtos esportivos, a goiana Super Bolla prepara-se para lançar no Brasil, em agosto, nova linha de bolas, baseada em modelos importados. O processo de desenvolvimento do novo produto, detalha Tarcisio Gaipo, diretor comercial e de marketing da empresa e filho de seu fundador, o empresário Tarci Soares, exigiu ainda a mobilização de esforços e de “boa parte de nossas receitas”, alocadas também no marketing e na divulgação do produto.

Na verdade, a empresa já vem renovando suas linhas de material esportivo desde o início deste ano, com o lançamento da Bola Evolution, com 12 gomos, e dos novos uniformes do Atlético Goianiense. “Somos patrocinadores e fornecedores de material esportivo do clube”, adianta

Gaipo. Criada em 1995, a Super Bolla tem fábrica instalada no Jardim Presidente, em Goiânia, e loja própria na avenida T-9, no Jardim América. A fábrica responde pela produção de toda a linha de uniformes para diversos esportes, empregando 60 funcionários diretamente e mais 50 de forma indireta. “As linhas de bolas e de acessórios esportivos”, retoma Gaipo, “são terceirizadas e produzidas principalmente em São Paulo”.

O diretor lembra que a Super Bolla é uma empresa familiar, comandada por seu fundador, com a colaboração dos filhos. Além dele próprio, sua irmã Thaissa Lorena responde pelo departamento financeiro. As vendas concentram-se principalmente no Centro-Oeste e Norte, mas a empresa busca manter alguma diversificação, atuando em outras regiões do País, observa Gaipo.

Neste momento, a Super Bolla conclui um processo de readequação das áreas comercial e de marketing e já trabalha na montagem de um projeto para construção de uma nova fábrica, que deverá triplicar a produção atual daqui a três anos. “Ainda não temos os investimentos definidos”, comenta o diretor. As mudanças em curso no setor comercial e de marketing foram responsáveis pela virtual estabilização observada nas vendas em 2011, quando comparadas ao ano anterior. Para este ano, a empresa espera crescer em torno de 5%. Mas poderá mais do que dobrar esse percentual, depois de consolidada sua reestruturação, passando a crescer no mínimo 10% ao ano, segundo Gaipo. O diretor afirma ainda que a empresa mantém uma programação de investimentos constantes em maquinário, novas tecnologias e em qualidade, destacando anualmente perto de 3% de suas receitas para pesquisa e desenvolvimento de produtos e processos.



Tarcisio Gaipo: reestruturação das áreas comercial e de marketing deverá alavancar as vendas

O DOBRO E MAIS UM POUCO

Induzidos Universal comemora seu 35º aniversário com planos para dobrar capacidade instalada e estreitar no mercado de exportações

Aos 35 anos, completados em maio, a Induzidos Universal não demonstra a menor intenção de se contentar com os avanços alcançados ao longo de sua trajetória. E não foram poucos, como destaca Eurípedes Alves da Costa, criador e atual presidente da empresa. Desde 1977, quando o empresário decidiu explorar o mercado de peças elétricas para o setor automotivo, alugando três cômodos em Goiânia para acomodar maquinaria e os primeiros seis empregados, a empresa multiplicou sua produção em mais de 45 vezes, ampliou sua área em 22 vezes, engordou o número de funcionários em quase 11 vezes, criou uma linha de peças remanufaturadas e desenvolveu três franquias da marca, em Brasília (DF), Gurupi (TO) e Unai (MG).

Mais importante ainda, acrescenta Costa, a Induzidos Universal “tornou-se uma marca de referência no País pela qualidade padronizada dos seus produtos”. Especializada na fabricação de componentes para motor de partida e alternadores, incluindo bobinas de campo, estator e rotor, a empresa começou suas operações num espaço de apenas 58 metros quadrados, com seis funcionários e uma produção inicial próxima a 220 peças mensais. Em 1981, com o crescimento de seu mercado, a Induzidos comprou o imóvel na Avenida Dom Emanuel, no Setor Rodoviário, montando ali sua sede.

O mais recente plano de expansão começou a ser colocado em prática em 2008, quando toda a linha de produção foi transferida para novas instalações em Abadia de Goiás, num espaço total de 2,05 mil m² e área construída de 1,3 mil m², num investimento de R\$ 1,5 milhão. A ampliação elevou a produção para 10 mil peças por mês e o total de funcionários de 30 para 65, parte alocada na sede de Goiânia, nas áreas de



Eurípedes Costa, a fábrica antiga e a nova empresa: “Marca tornou-se referência pela qualidade padronizada de seus produtos”

administração e comercial.

“Uma de nossas metas é transformar a empresa numa distribuidora com práticas de excelência em logística e produção com políticas de recursos humanos que afetem inclusive a sociedade local”, antecipa Costa, prevendo ainda a expansão da unidade de Abadia, num investimento que poderá “até dobrar a produção”. A Induzidos Universal pretende ainda abrir sete novas franquias e estreitar no mercado internacional.

A MAIOR DA AMÉRICA LATINA

Única empresa do Centro-Oeste a participar como expositora da 6ª Feira de Fornecedores da Indústria Automotiva (AutoPar), segunda maior feira automotiva do País, realizada em Curitiba entre 13 e 16 de junho, a Induzidos Universal já garantiu sua presença na 11ª Feira Internacional de Autopeças, Equipamentos e Serviços (Automec), maior feira do segmento na América Latina, que ocorrerá entre 16 e 20 de abril em São Paulo.



>> Melodia

Recém-chegado de Frankfurt, onde participou, no início de julho, do encontro Brasil-Alemanha, Pedro Alves de Oliveira e Suely recebem a atriz e cantora Zezé Motta no Arraiá da Fieg, no Sesi Clube Antônio Ferreira Pacheco. Na mesma noite, ela apresentou no Teatro Sesi o show Negra Melodia interpretando clássicos de Luiz Melodia e Jards Macalé.



>> Na Casa Cor

O empresário Eduardo Zuppani, vice-presidente da Fieg, e a mulher, a arquiteta Cláudia Zuppani, em noite de festa na Casa Cor Goiás 2012.

União

Em seu casamento com Lucimar Veiga, dia 23 de junho, no Goiás Eventos, Sandro Scodro (GSA) se esbaldou na pista de dança também ao lado de seu pai, Sandro Mabel. Noivos e convidados se divertiram na boate de primeira montada no local, que teve nas pick-ups o DJ Zé Pedro e MC Leozinho, com muito funk. A lua de mel paradisíaca do novo casal percorreria redutos da África e da Grécia.

>> Romaria (1)

André Lavor Pagels Barbosa, presidente do Sindtrigo, reuniu três caminhões de farinha de trigo para a produção de pães oferecidos aos romeiros no Centro de Apoio da OVG, durante a temporada de festa do Divino Pai Eterno, em Trindade. Os moinhos doadores foram Mabel, Emegê, Vitória, Matos e Só Trigo.

Romaria (2)

Os romeiros com destino a Trindade ganharam também leite durante a caminhada santa, em ação do Sindileite, comandada por Ananias Justino Jaime. A doação foi fruto da colaboração conjunta que resultou em 70 toneladas fornecidas por indústrias como Piracanjuba, Itambé, Italac, Marajoara, Compleite, Manacá. O açúcar veio da Jalles Machado, de Goianésia. Sucos da GSA e o Café Rancheiro completaram a ceia.

Sial Brazil

Os empresários Elismar Garrido Souza (Saladão), Willian Rossi (Água Pura) e Roberval Dias Martins (Alca Foods Cereais Matinais) marcaram presença no Sial Brazil, na Expo Center Norte, em São Paulo, de 25 a 28 de junho. Na maior feira de alimentos e bebidas do mundo, o trio goiano apresentou inovações desenvolvidas em seus produtos, em viagem na qual foram acompanhados por Plínio Viana, gerente do Centro Internacional de Negócios da Fieg.





>> Sustentabilidade

Na 4ª Semana do Meio Ambiente promovida no Shopping Flamboyant, a casa sustentável, erguida no estacionamento, foi o grande destaque da programação. Com custo de R\$ 35 mil, a residência construída pela Brazbel, de Frederic Monart, tinha paredes feitas com tijolos ecológicos fabricados pela Ecoflora, dos irmãos Edmilson e Agnaldo Faber, a partir de insumos como terra, adição de resíduos da construção civil e apenas 10% de cimento.



>> Indústria moveleira

Paulo Filho (Barreto Porta Pronta) chegou de Bento Gonçalves, onde visitou a Feira Internacional de Máquinas, Matérias-Primas e Acessórios para a Indústria Moveleira (Fimma Brasil), com equipamento especial na bagagem. Com 30 anos de mercado, a indústria localizada em Aparecida de Goiânia trouxe do Sul do Brasil máquina para pintura automática de portas e painéis, equipamento que, segundo ele, é um dos dez existentes no País. A fábrica se destaca ainda pelo kit de enchimento com o material Sauerland, fabricado na Alemanha, que garante boa acústica e maior segurança contra incêndio.

>> Pincel

Romão Tavares (Maxvinil) entregou no fim de junho remessas de tinta para a finalização das obras da Casa da Acolhida, em Campinas. O empresário também se dedica a outra boa causa. Ele é parceiro em projeto da Prefeitura de Goiânia que vai renovar cemitérios públicos da cidade a partir deste mês.

Outlet

O Outlet Premium Brasília, inaugurado na BR-153, em Alexânia, dia 19 de julho, com grifes consagradas de moda e enxovais vendidos com até 80% de desconto, conta com a presença de duas indústrias goianas: Jerivá e QG Jeitinho Caseiro. Os produtos das marcas, como iguarias da agroindústria, pasteis e coxinhas, serão destaques em dois restaurantes montados na praça de alimentação climatizada do spot, que terá 10 lojas e 900 lugares.



>> Responsabilidade social

Emílio, Mário e Márcio Bittar (Coming) reuniram em junho, na Asmeço, parceiros em festa beneficente em prol do Centro de Educação Infantil de Tempo Integral (Ceiti), creche mantida por sua indústria em Trindade. A entidade acaba de ganhar reforma completa e um automóvel para uso por professoras. A empreitada social fundada em 2006, no Bairro Mariápolis, atende crianças de 2 a 6 anos que nasceram no lugar, considerado no passado um dos maiores lixões da região, e hoje têm acesso a cidadania, saúde e outros direitos.

giro pelos sindicatos>>

» SIMELGO

Medalha ao mérito

Sete personalidades que têm contribuído para o desenvolvimento industrial em Goiás serão homenageadas, em setembro, no Salão Nobre do Clube Antônio Ferreira Pacheco, com a Medalha do Mérito Ministro Aquino Porto, evento promovido pelo Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico no Estado de Goiás (Simelgo). No ano passado, a honraria congregou sete homens que se destacaram em suas áreas. Neste ano, duas mulheres serão homenageadas.

Feira da mecânica

Empresários e diretores do Simelgo participaram, em São Paulo, da Feira da Mecânica, maior evento do setor na América Latina.



Participaram da mostra, na foto, o presidente do Simelgo, Orizomar Araújo Siqueira, o vice-presidente do sindicato Hélio Naves e os diretores Altair Gomes Gontijo, André Luiz da Silva, Antônio Wagner Ferreira, Dourival José Mendes, Fábio Vilela Carvalho, Gevaert Antônio Gouveia, Jairo Gomes de Araújo e Sullivan Fernandes Rosa. Também compuseram a comitiva goiana os empresários João Olímpio Souza e Júlio César Dutra Ladeira Mattos e os representantes do Senai José Gonzaga Ribeiro e Marcos Antônio Mariano Siqueira.

Questão tributária

Em julho, no Palácio da Indústria, o Simelgo promoveu a palestra Conversa Tributária no Simelgo: Substituição Tributária no ICMS, com o advogado e presidente da Comissão de Estudos Tributários da OAB, Seccional Goiás, Thiago Miranda, especialista em Direito e Processo Tributários e Direito Constitucional. O evento faz parte do Programa de Desenvolvimento Associativo (PDA).

» SIGEGO

Excelência gráfica

A 15ª edição do Prêmio Aquino Porto de Excelência Gráfica - Criação e Produção, iniciativa do Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado de Goiás (Sigego), presidido pelo empresário Antônio de Sousa Almeida (foto), terá coordenação técnica da Associação Brasileira de Tecnologia Gráfica (ABTG), que responde, entre outros, por um dos mais significativos prêmios do setor no País, o Fernando Pini, da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf). Representantes das indústrias gráficas, agências e estudantes tiveram prazo até 20 de julho para inscrever seus trabalhos. O resultado do concurso e a entrega dos prêmios estão previstos para o dia 23 de agosto.



» SINDIREPA

Cozinha Brasil

O primeiro curso do Programa Cozinha Brasil promovido pelo Sindicato das Indústrias de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa), em maio, contou com participação de diversos associados do sindicato (foto). Desenvolvido pelo Sesi, em parceria com o sindicato, o programa ensina a aproveitar integralmente os alimentos, proporcionando alimentação de baixo custo e de alto valor nutricional. A ação teve apoio da Retífica Cometa, que cedeu toda a infraestrutura do evento.



» SINDQUÍMICA

Rescisão contratual

O Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás (Sindquímica), a Caixa Econômica Federal e o Ministério do Trabalho e Emprego promoveram, em junho, no Palácio da Indústria, palestra para divulgação da Portaria 2.685/2011 do MTE, que instituiu o novo modelo do Termo de Rescisão do Contrato de Trabalho (TRCT).

A medida determinou a criação de dois novos formulários – Termo de Quitação de Rescisão de Contrato de Trabalho (TQRCT) e o Termo de Homologação de Rescisão de Contrato de Trabalho (THRCT) – que passam a ser aceitos pelos sindicatos, pela Caixa e pelas superintendências regionais do trabalho para homologação e habilitação ao pagamento do FGTS e do seguro-desemprego aos trabalhadores afastados a partir de 1º de agosto deste ano.

» SINROUPAS

Feira do jeans

A primeira edição da Feira Internacional do Jeans será realizada em Goiânia, no Centro de Cultura e Convenções, entre 13 e 17 de agosto. Organizada em parceria pelo Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia (Sinroupas), Senai, Sebrae, pela Fieg, Agicon e Secretaria de Indústria e Comércio, a mostra apresentará as principais tendências da moda jeans para 2013. O evento, de acordo com Edilson Borges de Sousa, presidente do Sinroupas, integra o Projeto Semana da Moda, que prevê a realização de desfiles na Avenida 85, Bernardo Sayão e Rua 44, além de palestras aos profissionais da área. Durante a feira também será realizada a 11ª edição do Goiás Vive Verão, direcionado ao público atacadista.



» SINVEST

Competitividade

Entre os dias 9 e 13 de julho, o Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest), numa parceria com a Fieg, por meio do Sesi e Senai, o Centro Tecnológico Municipal de Jaraguá e o Grupo AGR realizaram o Workshop do APL de Confeção daquela região (foto). Em debate, a adoção de métodos de produção e administração globais, com foco no ganho de eficiência e competitividade das confecções.

» SIMPLAGO

Renovação

O Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás (Simplago) renovou sua diretoria. Agora, o Simplago está sob o comando de Olympio José Abrão, com Pedro Paulo Tavares Costa na vice-presidência.

giro pelos sindicatos>>

>> SIMEA

Missão italiana

O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simea), Robson Braga, destacou a importância da visita de missão empresarial da Itália. O intercâmbio foi promovido por meio do Centro Internacional de Negócios (CIN) da Fieg. Segundo ele, houve muita troca de informações entre os participantes e ficou acertado que uma nova visita deverá ocorrer no segundo semestre para que, possivelmente, alguns negócios sejam alinhavados.

>> SIVA

Prêmio assiduidade

O Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva) realizou, no dia 31 de maio, reunião com o sindicato laboral para concluir as negociações da Convenção Coletiva de Trabalho para o período de 2012/2013. O acordo fechado prevê reajuste salarial de 5,47% para a categoria. Foram ainda mantidas as cláusulas sociais da Convenção Coletiva de Trabalho com vigência de maio de 2011 a abril de 2012 e estabelecido o “prêmio assiduidade”.

>> SINDICER/GO

Convenção coletiva

O Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás (Sindicar/GO) aprovou, em assembleia, o Termo Aditivo à Convenção Coletiva de Trabalho 2011/2013. Os trabalhos foram conduzidos pelo presidente da entidade, Henrique Morg de Andrade, com presença do presidente do sindicato dos trabalhadores, Benedito Teodoro Corrêa. Ficou acordado o reajuste de 6,6%, além da definição dos pisos salariais por categoria.

Eleição

Eleito no dia 4 de junho para o triênio 2012/2015, o empresário Joaquim Guilherme Babosa de Souza assumiu a presidência do Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás (Sindileite), que passa a ter César Helou na vice-presidência.



>> SINDILEITE

Salto chinês

Missão formada por 20 empresários e representantes brasileiros do setor de laticínios, incluindo o vice-presidente do sindicato, César Helou (foto), seu diretor executivo, Alfredo Luiz Correia, e Ananias Justino Jaime participaram em Xangai, em maio, do 11º Salão Internacional de Alimentos (Sial). Com patrocínio do Fundo de Desenvolvimento da Pecuária (Fundep), o grupo goiano percorreu fazendas de produção e laticínios nas regiões de Xangai, Hong Kong, Hohhot e Pequim. “A China tem planos para dobrar o consumo per capita de leite para 40 quilos por ano até 2030, o que representaria 30 bilhões de litros a mais, quase a produção brasileira atual. Precisamos nos preparar para atender à demanda chinesa”, avalia Correia.



» SICMA

Recorde de negócios

O 8º Feirão Caixa da Casa Própria e a 3ª Expo Casa e Móveis (Expomóveis), realizados entre os dias 25 a 27 de maio, no estacionamento do Brasil Park Shopping, numa parceria do Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma) com a Caixa Econômica Federal, superaram as expectativas, na avaliação do presidente do sindicato, Álvaro Otávio Dantas Maia. Foram fechados e encaminhados 550 contratos, num total de R\$ 40,3 milhões em investimentos no setor habitacional, avanço de 17,6% frente aos R\$ 34,04 milhões registrados no ano passado.

» SINDIFARGO

Logística reversa

O presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo), Marçal Henrique Soares, foi escolhido pelo Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Medicamentos para coordenar a implantação de Sistemas de Logística Reversa de Medicamentos, objeto da lei nº 12.305/2010 (Política Nacional de Resíduos Sólidos).

» SIAA

Agentes da inovação

O Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (Siaa) aprovou, em assembleia geral realizada dia 4 de junho, as contas do exercício de 2011 e discutiu a proposta que será colocada junto ao sindicato laboral para a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) 2012-2013. Também constou da pauta a apresentação aos empresários do projeto ALI (Agentes Locais de Inovação), que este ano está voltado para o setor de alimentação. O presidente do Siaa, Valdenício de Andrade, destacou os esforços para divulgar entre seus associados qualquer iniciativa que contribua para o processo de qualificação e crescimento das empresas.



» SIFAEAG

Canacentro 2012

O 1º Congresso do Setor Sucroenergético do Brasil Central (Canacentro 2012), numa realização conjunta do Sindicato da Indústria de Fabricação de Alcool do Estado de Goiás (Sifaeag) e Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), vai reunir indústrias, produtores e representantes dos governos de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e do Distrito Federal, em Goiânia, entre os dias 15 e 16 de agosto. No mesmo dia do lançamento do encontro (na foto, os presidentes do Sifaeag/Sifaçúcar, André Luiz Rocha, da Faeg, José Mário Schreiner, e o vice-presidente institucional da Faeg, Bartolomeu Braz), em julho, o governo goiano anunciou a ampliação do crédito outorgado para as usinas de 30% para 60% do ICMS apurado. A concessão será escalonada e atingirá o percentual cheio em 2013, depois de atingir 50% ao final de julho deste ano.

» SINDUSCON-GO

Segurança e saúde

O Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO) foi sede, no dia 21 de junho, do lançamento do Manual de Procedimentos para Implantação de Segurança e Saúde do Trabalho em Pequenas Obras. Idealizado pelo sindicato e elaborado em parceria com a Superintendência Regional do Trabalho e Emprego (SRTE-GO), com apoio da Fieg, Prefeitura de Goiânia e de órgãos de classe do setor, o manual traz informações sobre a legislação e sobre procedimentos nas áreas de saúde e segurança do trabalho que devem ser observados pelos construtores e proprietários de pequenas obras.

» SINPROCIMENTO

Norma de desempenho

O Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento no Estado de Goiás (Sinprocimento), a Fieg e o Crea-GO realizaram, no fim de junho, palestra sobre as reflexões da aplicação da norma de desempenho da indústria da construção, a NBR 15.575, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), com Daniel de Luccas, analista técnico da associação.

por dentro da indústria»

Projeto CNI/BID

Os parceiros do Projeto CNI/BID – Desenvolvimento Territorial, destinado a reforçar a cadeia do setor automotivo em Goiás, reuniram-se (foto) no dia 6 de junho, na Casa da Indústria, para discutir subsídios à proposta de fortalecimento das empresas de autopeças, em fase de elaboração pelo Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (Mdic). Participaram do encontro, aberto pelo presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, o diretor-superintendente do Sesi Nacional, Renato Caporali Cordeiro, e representantes do Senai Goiás, da prefeitura de Anápolis e das secretarias estaduais de Indústria e Comércio e Ciência e Tecnologia. Outra preocupação do encontro foi incrementar a divulgação da parceria CNI/BID entre pequenas empresas do ramo de autopeças.



» MISSÃO INTERNACIONAL

A Fieg e seu Conselho Temático de Comércio Exterior (CTComex), por meio do Centro Internacional de Negócios da Fieg (CIN), promovem a Missão Prospectiva e Rodada de Negócios Expocruz 2012, no âmbito do Programa Al-Invest IV. As empresas industriais interessadas em participar da missão têm prazo até 29 de agosto para providenciar sua inscrição. A maior feira multissetorial da América Latina, com participação de empresários e representantes de 18 países, será realizada entre os dias 24 e 29 de setembro, em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia.

Gestão da inovação

O Núcleo de Inovação de Goiás (NIG), organismo ligado à Fieg oferece curso de capacitação em gestão da inovação e oficinas para elaboração de planos e projetos de inovação, além de consultoria para construção e implantação de planos de inovação e na elaboração de projetos nesta mesma área. O curso tem como foco o desenvolvimento de competências para compreensão de conceitos de inovação e implantação de processos de gestão da inovação nas empresas. As oficinas transferem conhecimentos práticos para a montagem de planos e projetos. Informações pelo telefone (62) 3219-1752.

Contra o frio

O Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás, por meio das instituições Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil, promoveu a Campanha Doe Agasalhos: Nada Melhor para Acabar com o Frio do que o Calor Humano, uma das ações sociais previstas no projeto Sistema Fieg de Mãos Dadas com a Solidariedade. O movimento arrecadou, no começo de julho, 18.429 vestimentas, que foram doadas para associações cadastradas no Comitê de Entidades no Combate à Fome e Pela Vida em Goiás (Coep). Os participantes da campanha concorreram a brindes. Três alunos do Sesi Goiás ganharam uma viagem à Colônia de Férias do Sesi Aruanã.

Rodada milionária

No ano passado, a rodada de negócios (foto), também realizada durante a Expocruz, atraiu 1,1 mil empresas de 25 países e gerou US\$ 175 milhões em transações. “Pela proximidade geográfica e pelo baixo custo do investimento, a Rodada de Negócios na Bolívia é um dos melhores caminhos para as empresas brasileiras que querem exportar, buscar fornecedores, parceiros e prospectar novos mercados”, afirma o gerente do CIN/Fieg, Plínio Viana. Informações pelo telefone (62) 3219-1488 ou pelo e-mail cin@sistemafieg.org.br.



MAIS QUE QUALIFICAR PROFISSIONAIS, estimular a inovação e a competitividade de nossa indústria.

Há 60 anos, o SENAI Goiás é parceiro dessa ideia.



Desde o início, o trabalho do SENAI teve uma finalidade: educação profissional para fazer uma indústria mais forte. Com os melhores cursos de formação profissional, capacitação, graduação e especialização, o SENAI qualifica profissionais para atender a demandas estratégicas e participa do crescimento da indústria e de todo o Estado. Sempre atento às evoluções tecnológicas, o SENAI investe na inovação de produtos e processos industriais, auxiliando as empresas a alcançarem melhores resultados. Por isso, o SENAI chega aos 60 anos olhando para o futuro e reafirmando o seu compromisso com o crescimento da indústria goiana.



Informações:

Goiânia 4002 6213
e demais localidades 0800 6421313



Mais que educação profissional,
inovação para a indústria.



RUY DE ARAUJO FERREIRA
Anglo American, Brasil

A ANGLO AMERICAN CRESCEU JUNTO COM NIQUELÂNDIA, EM GOIÁS. PESSOAS COMO O RUY, QUE ESTÁ CONOSCO DESDE O INÍCIO E QUE TEM UM FILHO QUE TAMBÉM TRABALHA NA ANGLO AMERICAN, SABEM QUE UMA EMPRESA DE MINERAÇÃO PODE LEVAR BENEFÍCIOS A TODA UMA COMUNIDADE.

TEMOS ORGULHO DO QUE CONQUISTAMOS JUNTOS E GOSTARÍAMOS DE AGRADECER A TODOS OS QUE NOS AJUDARAM NESTA TRAJETÓRIA.

ESTAMOS PRONTOS PARA CONSTRUIR EM PARCERIA UM FUTURO AINDA MELHOR.

**ORGULHO ONTEM,
HOJE E SEMPRE.
É ASSIM QUE
CELEBRAMOS OS
30 ANOS DA CODEMIN.**